

A ÚLTIMA ORDEM DO CORONEL APPARÍCIO BORGES

HARRY W. ROTERMUND



**EDIÇÃO DIGITAL REMEMORATIVA
DOS 90 ANOS DO COMBATE DE BURI**

1822 – BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL – 2022

HARRY WILHELM ROTERMUND

A ÚLTIMA ORDEM DO CORONEL APPARÍCIO BORGES

EDIÇÃO DIGITAL REMEMORATIVA DOS 90 ANOS DO COMBATE DE BURI

Organizadores:

ATAÍDE MORAES RODRIGUES

CLÁUDIO DOS SANTOS FEOLI

CLÁUDIO MOREIRA BENTO

EDUARDO CUNHA MICHEL

JEFFERSON BIAJONE

JERONIMO CARLOS SANTOS BRAGA

JULIO CÉZAR BENITES TEIXEIRA

MARCO ELIAS DANGUI PINHEIRO

NAJARA SANTOS DA SILVA

ROBERTO ALEXANDRE DOS SANTOS



Bicentenário
DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

Realização:



LIGA DA DEFESA NACIONAL
DO RIO GRANDE DO SUL



Colaboração:



BRIGADA MILITAR
RIO GRANDE DO SUL

AAMBM
* ASSOCIAÇÃO AMIGOS DO *
MUSEU DA BRIGADA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rotermund, Harry Wilhelm, 1908-1986

A última ordem do Coronel Apparício Borges
[livro eletrônico] : edição comemorativa dos 90 anos
do Combate de Buri / Harry Wilhelm Rotermund. --
Itapetininga, SP : Gráfica Regional, 2022.
PDF.

ISBN 978-85-65703-55-0

1. Borges, Apparício, 1893-1932 2. Brasil -
História - Revolução de 1932 3. Homens - Biografia
4. Militares - Biografia 5. Rio Grande do Sul (RS)
I. Título.

22-116109

CDD-355.1092

Índices para catálogo sistemático:

1. Militares : Biografia 355.1092

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Dedicatória:

aos meus queridos amigos:

Cel. Geraldo Coimbra Borges
Cel. Milton Weyrich
Cel. Walter Peracchi Barcellos
Cel. Dormelindo de Oliveira
Cel. Jesus Linares Guimarães

Sumário

	Página
Prefácio da 1ª Edição (1941)	
Harry Wilhelm Rotermund	06
Termo de Doação da Obra (1977)	
à Brigada Militar do Estado do Rio Grande do Sul	09
Nota de Apresentação – Edição Funperacchi (2004)	
Coronel RR Geraldo Coimbra Borges	10
Nota de Agradecimento – Edição Funperacchi (2004)	
Coronel RR João Amado Réquia	12
1ª Nota de Apresentação – Edição Digital (2022)	
Cel EB Marco Elias Dangui Pinheiro	13
Presidente da Liga da Defesa Nacional do Rio Grande do Sul	
2ª Nota de Apresentação – Edição Digital (2022)	
Doutor Roberto Alexandre dos Santos	15
Presidente da Fundação Walter Peracchi de Barcellos	
3ª Nota de Apresentação – Edição Digital (2022)	
Cel QOEM Cláudio dos Santos Feoli	18
Comandante Geral da Brigada Militar do Rio Grande do Sul	
Prefaciadores Convidados	
Cel RR Ataíde Moraes Rodrigues	20
Cel EB Cláudio Moreira Bento	21
Ten Cel QOEM Eduardo Cunha Michel	23
Cel RR Jeronimo Carlos Santos Braga	25
Prof. Ms. Julio César Benites Teixeira	26
Cel RR Najara Santos da Silva	29
Coronel Apparício Gonçalves Borges	
Patrono do 1º BPM – Batalhão de Ferro da Brigada Militar –	32
A Revolução Constitucionalista	
Antecedentes Históricos	33
Irrompe a Revolução de 32	
Com destino à Santa Maria	37
Uma Fé de Ofício	
Brilhante de Ensinamentos	40

Na Estação de Restinga Seca	
Lembranças e Saudades	49
De Santa Maria à Estação Bacelar	
Na vanguarda das Forças em Operações no Setor Sul	52
O Combate de Buri	
Lutar, Avançar e Vencer !	55
No Hospital de Campanha em Itararé	
Um Brigadiano entra para a História	61
Despedidas e Homenagens	
Na Santa Paz dos Justos e dos Bons	63
A Última Ordem do Cel Apparício Borges	
Um Monumento de Virtudes Militares	69
A Última Ordem do Cel Apparício Borges	
adentra a Era Digital	77
Solenidade 90 Anos do Combate de Buri	
Discurso proferido em 26 de Julho de 2022	80
Referências	
Bibliográficas	84

Prefácio da 1ª Edição de
A Última Ordem do Coronel Apparício Borges
Oficinas Gráficas da Brigada Militar (1941)

Na história de Porto Alegre e na história do Rio Grande do Sul, destaca-se em alto relevo, a figura importante e majestosa do Coronel Apparício Gonçalves Borges, que em 27 de julho de 1932, tombou no campo de honra, em Buri, no Estado de São Paulo.

Ele foi tão grande e tão nobre que a morte e o tempo, que tudo destroem e tudo lançam no esquecimento, não lhe conseguiram apagar o nome; ele foi tão admirável na sua coragem e abnegação, que viverá eternamente na memória e na saudade de todos os contemporâneos e pósteros.

Em Porto Alegre, onde sonhou a realização de um grande amor e onde também chorou a perda da esposa adorada, ele descansa ao lado da mesma, no nicho 494 do cemitério da Santa Casa.

Diante do quartel do 1º Batalhão de Caçadores da Brigada Militar, ergue-se um monumento em sua memória e o Governo do Estado deu seu nome à antiga rua Dois Irmãos e ao Grupo Escolar da Chácara das Bananeiras, em reconhecimento de o que ele fez pela Brigada Militar e pela terra, que ele amou mais do que a própria vida.

Ele foi um comandante no perfeito sentido da palavra: bondoso – enérgico – valente. Não fumava, não bebia, nem tão pouco jogava. Foi o seu exemplo de coragem que conduziu os homens do 1º Batalhão para frente, para a vitória! E foi sob o sacrifício sublime do Coronel Apparício e dos demais soldados que tombaram em defesa da legalidade, que se implantou, vitoriosamente, o Estado Novo, com o qual se iniciou em nossa Pátria, uma era de trabalho, de paz, progresso e ventura.

Nunca senti tão grande minha insignificância como agora, que procuro descrever sua vida. Não me move outra ambição do que reunir os dados num pequeno livro, o qual deverá falar em todas épocas de um guerreiro destemido e de um valoroso batalhão da gloriosa e invicta Brigada Militar, a "força-orgulho" de uma grande Nação.

A Brigada Militar do Estado do Rio Grande do Sul tem a sua origem quando da revolução farroupilha.

Foi através da Lei n.º 7, de 18 de novembro de 1837, que o presidente da então Província, marechal António Elisário de Miranda e Brito, criou o Como Policial Rio-Grandense. A sua organização, disciplina e vencimentos eram os mesmos da tropa de 1ª linha e tendo por finalidade auxiliar a justiça, manter a boa ordem, a segurança, tanto na capital, como nas comarcas, por destacamentos.

Após a Proclamação da República, em 1889, o Corpo Policial foi transformado em Guarda Cívica e, finalmente, pelo Ato n.º 357 de 15 de

outubro de 1892, assinado pelo Dr. Fernando Abbott, no exercício da Presidência do Estado, foi extinta a Guarda Cívica e criada a atual Brigada Militar.

"Organizado na luta pelo direito em 1893, o 1º Batalhão teve como primeiro quartel o descampado do Rio Grande e, como primeiro rancho, o fogão gaúcho." – Assim escreve um brilhante artigo intitulado "Síntese da formação psicológica da Brigada Militar" o capitão Otelo Frota, e continua:

"E podemos dizer como Sarmiento: aqueles homens viam a imensidade por todos os lados; imenso o seu sacrifício; imensa a sua missão; imensa a planície; imensos os bosques; imensos os rios; o horizonte sempre incerto; sempre confundindo-se com a terra; entre nuvens e vapores tênues, que não permitem na perspectiva, assinalar-se o ponto onde termina o mundo e onde começa o céu".

Desenvolvendo a sua ação num teatro como esse, porque não teriam também eles o seu coração imenso, e férreo o seu caráter?

E tinham-no, eram fortes, altivos, enérgicos, cultivando a honra e a lealdade.

Para galgar o posto de sargento o soldado tinha de passar por todas as provas: de caráter, de capacidade de comando, de espírito de sacrifício, de lealdade aos seus superiores, de benevolência para com os seus subordinados e de amor à Pátria.

Se um desses predicados falhasse, terminado o seu tempo de serviço, podia solicitar sua exclusão porque nas fileiras da Brigada Militar a sua carreira estava terminada.

Fácil era, assim, dentre os sargentos, feito um exame prático para o posto de alferes, serem escolhidos os futuros oficiais.

Foi desse ambiente de lealdade, de amor, de honra e de competência profissional, que se formou essa barreira de aço que é a Brigada Militar, e que desde 1923, rodeando os seus quartéis com o círculo de ferro de uma disciplina inamalgável, jamais permitiu que as forças dissolventes de personalismo afrouxassem a sua vigilância e sua conduta em prol da ordem; que a política, em mau sentido, desvirtuasse a sua orientação, fazendo com que ela deixasse de ser o que sempre foi: segurança do povo, a tranquilidade dos governos constituídos, a esperança do Rio Grande, o amparo seguro de seu progresso e a depositária imaculada de nobres tradições.

Verdade é que a Brigada Militar tem evoluído, porque não é um corpo morto, mas a sua evolução tem se processado normalmente, e sempre dentro de suas elevadas finalidades.

O seu dever é ser a guardiã da lei pela interpretação do Governo legal de seu Estado.

Essa tem sido a missão da legendária força estadual, que saberá sempre cumprir.

Os numes tutelares que a protegem, talvez iluminados pelo espírito de Francelino Cordeiro, o primeiro comandante do 1º Batalhão, Cel. Massot,

Apparício Borges e outros, estarão sempre a apontar-lhe o caminho e a recordar-lhe que ela é o relicário sagrado das tradições de lealdade e de honra do Rio Grande do Sul.

Foi nessa força que o Cel. Apparício Borges formou o seu caráter e se tornou o "Comandante-Cavalheiro do Rio Grande do Sul".

O modesto monumento espiritual que ergo com o presente livrinho, ensinará, na lição de uma vida de lutas, de honra, amor e coragem, o caminho de bem servir à Pátria, à Família e ao nosso Criador Divino.

Cabe-me agradecer, sinceramente, o valioso apoio dispensado à minha obra, pelos exmos. Srs. Cel. Angelo Melo, o comandante que todos os soldados admiram e veneram; o Ten Cel Cícero Augusto Wellausen, benquisto chefe do Estado Maior; Major David de Oliveira Rego, que me prestou valiosas informações; Ten. Ernani Ferraz Machado, ao qual devo, em primeiro lugar, a publicação deste livro e Sgt Oscar Pereira de Souza, que é um dos meus mais leais amigos.

Confesso-me grato, também, ao tenente Ernesto pereira e aos dedicados funcionários da tipografia da Brigada Militar por haverem atendido, com a maior amabilidade, todos os meus pedidos relativos à obra ***A Última Ordem do Coronel Apparício Borges.***

Harry Wilhelm Rotermund
Porto Alegre, 1941.

Termo de Doação da Obra
A Última Ordem do Coronel Apparício Borges
à Brigada Militar do Rio Grande do Sul

Bagé, 14 de Dezembro de 1977

Exmo. Sr.
Coronel Geraldo Coimbra Borges
M.D. Diretor do Departamento de Ensino da Brigada Militar Porto Alegre/RS

Prezado amigo Coronel Borges:

Em primeiro lugar, desejo-lhe saúde e muitas felicidades, votos estes extensivos à sua excelentíssima família.

Tenho o prazer de passar às suas mãos o livro "A última ordem do Coronel Apparício Borges", revisado para a 3ª edição.

Caso a Força Pública do nosso Estado resolver publicá-lo, peço enviar-me 50 ou 100 exemplares, não cabendo ao autor nenhum direito autoral, pois a modesta obra pertence à nossa gloriosa Brigada Militar.

Permito-me apresentar-lhe, prezado amigo Coronel Borges, juntamente com minhas saudações, as seguranças de minha elevada estima e distinta consideração.

Cordialmente,

Harry Wilhelm Rotermond
Bagé, 1977.

Nota de Apresentação à
A Última Ordem do Coronel Apparício Borges
Edição Funperacchi (2004)

(*) *Geraldo Coimbra Borges*

Contribuindo com o objetivo cultural da Fundação Walter Peracchi de Barcellos, no que tange à história da Brigada Militar, é com satisfação que faço a entrega do livro ***A Última Ordem do Coronel Apparício Borges***, de autoria de Harry Rotermund, ao acervo da Funperacchi.

A Brigada Militar é rica em exemplos de homens excepcionais, que, sobrepujando-se a si mesmos, deixaram a impressão de serem sobre-humanos, contribuindo para que a Brigada Militar ocupe um destacado lugar na história do Estado.

Estes brigadianos são estrelas de primeira grandeza que brilham no firmamento Riograndense e de nossa pátria e que nos iluminam no presente.

Foram homens que sempre colocaram o cumprimento do dever acima de seus interesses pessoais.

Por ocasião da revolução de 1932, meu pai era viúvo.

Havia perdido sua esposa Antonieta há oito meses, com quem tivera seis filhos que variavam entre as idades de doze a dois anos. Ao partir para o *front*, os deixou com seus cunhados Oscar Pantaleão Silveira e Eva dos Santos Silveira, irmã de Antonieta, minha falecida mãe.

Pedi a Oscar e Eva, nossos tios, e mais tarde, tutores, que nos criassem como filhos e não nos separassem, caso ele não retornasse.

Gozava de prestígio e posição social na sociedade.

Sua situação financeira era confortável. Recebera boa herança de seu pai e expressiva herança por morte dos sogros.

Tinha nesta ocasião, apenas trinta e oito anos.

Primo em segundo grau de Borges de Medeiros, era favorável à Posição política tomada pelo Estado de São Paulo, que exigia de Getúlio Vargas eleições, conforme compromisso assumido em 1930. Ao ser colocado pelo Rio Grande, na Presidência da República.

Flores da Cunha, inicialmente favorável, em comunhão com correntes políticas Riograndenses, ao ser pressionado por Getúlio Vargas, mudou de posição.

Eclodido o movimento revolucionário pelo Estado de São Paulo que contava com o Rio Grande, o Ten Cel Apparício, comandante do 1º Batalhão de Caçadores foi chamado ao palácio pelo interventor federal Flores da Cunha. Nesta ocasião, recebeu o comandante Apparício, ordem de Flores da Cunha, de se deslocar para São Paulo, com sua unidade.

Coronel Apparício deixou clara sua posição ao declarar: "Presidente, a ordem de V.S. vem do encontro aos meus ideais políticos, mas vou cumpri-la por ser meu dever como soldado".

Esta conversa me foi transmitida por meu tio e tutor Oscar e que lhe foi contada por meu pai. Coronel Apparício abriu mão de tudo pelo cumprimento do dever e por seu amor à Brigada.

O monumento que hoje se encontra na Academia de Polícia Militar, representa uma justa homenagem à Brigada Militar.

Ali estão representados o comandante e seu corneteiro, tombados no cumprimento do dever.

Ali está representada, do coronel ao soldado, toda a Brigada Militar.

É a unidade da Brigada Militar, embasada na hierarquia, disciplina e virtudes militares.

*Coronel RR da Brigada Militar e
filho do Coronel Apparício Gonçalves Borges
Porto Alegre, 2004*

Nota de Agradecimento à
A Última Ordem do Coronel Apparício Borges
Edição Funperacchi (2004)

(*) *João Amado Réquia*

A Fundação Walter Peracchi Barcellos, com o lançamento da 3ª edição da **Última Ordem do Coronel Apparício Borges**, inicia uma série de publicações de figuras históricas da Brigada Militar.

Apparício Borges foi um grande herói. Ele merece figurar na galeria dos grandes vultos da nossa história.

É o início de uma grande caminhada.

O passado é a base para a história avançar. Olhamos o passado como um instrumento do futuro.

Apparício Borges é um exemplo parra as atuais gerações, ficou como "um modelo de disciplina, de amor ao Rio Grande e às suas tradições, ninguém teve maneira mais gloriosa de se separar da vida".

Partiu para o combate, contrariando seus princípios, mas foi leal ao governo que servia.

Harry Rotermund, na sua narração, foi fiel à linguagem dos homens de Apparício e nos deu um legado extraordinário.

*Coronel RR da Brigada Militar e Presidente da
Fundação Walter Peracchi Barcellos (FUNPERACCHI)
Porto Alegre, 2022*

1ª Nota de Apresentação de
A Última Ordem do Coronel Apparício Borges
Edição Digital Rememorativa (2022)

Marco Elias Danguí Pinheiro ()*

Apresentar a edição digital da obra literária denominada ***A Última Ordem do Coronel Apparício Borges*** distingue e honra a Liga da Defesa Nacional do Rio Grande do Sul (LDN/RS), entidade que preside atualmente no Estado.

A Liga foi criada em 1916 pelo poeta patriota Olavo Bilac, no cenário conturbado de eclosão da Primeira Guerra Mundial, com a nobre finalidade de “...robustecer nos brasileiros o sentimento de patriotismo...” (palavras de Bilac) e de incentivar a prática do civismo entre os cidadãos da Pátria.

Essa expressão do poeta está inserida no Estatuto da LDN/RS como missão da entidade e se traduz em ações ininterruptas que promovem e incentivam o culto aos símbolos nacionais, a difusão da cultura do nosso povo e na exaltação dos heróis da Pátria.

O privilégio de a regional gaúcha da LDN ser convidada para esta honrosa tarefa deve-se basicamente a esse princípio condicionante. Contribuir com a reverência ao vulto heroico do Coronel Apparício Borges, morto em combate a 27 de julho de 1932, em Buri, no Estado de São Paulo, durante a Revolução Constitucionalista, atende integralmente esse princípio.

No processo civilizacional de qualquer agrupamento humano, em todos os tempos, fica evidenciado um aspecto decisivo na consolidação das sociedades, na afirmação cultural dos povos ou de grupos de humanos que habitam um determinado território, qual seja a capacidade de surgirem lideranças que, entre outros aspectos, sirvam de exemplo, sejam referência, incentivem e deem segurança para que os autóctones imponham as suas vontades, de fazer com que os valores e princípios, gerados pela tradição cultuada no seio de sucessivas gerações, imperem e balizem os caminhos dos filhos da terra.

A valorização das ações meritórias dos antepassados com o reconhecimento hoje de seus feitos e sacrifícios, além do exemplo imorredouro que são legados às gerações futuras, acaba gerando um compromisso dos presentes com o desenvolvimento atual e com a História de seu território e, por extensão, também atribuindo às gerações futuras esse compromisso civilizatório.

A biografia e a história do Coronel Apparício Borges contemplam integralmente esse conceito. A liderança, a determinação férrea, a coragem, o tirocínio claro e oportuno são atributos genuínos dos expoentes militares em qualquer exército do mundo e, desde o seu ingresso na Brigada Militar e durante sua extensa e profícua ação profissional, o Coronel Apparício Borges

revelou ser ornado em grau elevado de todos esses aspectos pessoais, além de outros muito evidenciados, como seu comprometimento com as missões que lhe eram impostas. Essas características, aplicadas por ele em situações extremas do campo de guerra, o tornaram um grande comandante e por isso seu nome ingressou na história e permanece como uma referência, não só na Brigada Militar do Rio Grande do Sul, mas para os brasileiros de todos os rincões.

No hodierno cenário mundial conturbado por mudanças profundas na estrutura social, e por vezes respondidas com quimeras e narrativas, torna-se fundamental para que as sociedades consigam avançar com segurança e liberdade, atendendo os legítimos anseios das pessoas, que as experiências vividas no passado sejam tomadas como referência, os acertos sejam tomados como exemplo e os erros porventura então cometidos sejam corrigidos.

O livro ***A Última Ordem do Coronel Apparício Borges*** insere-se exatamente nesse ponto, pois se caracteriza como uma fonte primária do conhecimento histórico, transcrevendo diálogos e situações reais durante um conflito armado, demonstrando as reações dos personagens dos fatos e, com propriedade, delinea a grandeza do personagem do título, o Coronel Apparício Borges.

Dessa forma, é muito justa a homenagem que a Brigada Militar presta ao insigne militar nesta quadra e a LDN/RS irmana-se nessa homenagem, inserindo a solenidade de lançamento da edição digital do livro ***A Última Ordem do Coronel Apparício Borges***, rememorativa dos 90 anos do Combate de Buri, no âmbito das comemorações do Bicentenário da Independência do Brasil, programação em curso no Estado.

Destarte, a LDN/RS vem com entusiasmo e subida honra integrar o conjunto de prefaciantes de ***A Última Ordem do Coronel Apparício Borges***. Por óbvio, há a certeza de que a História de um herói gaúcho e brasileiro valoriza a História do Brasil o que contribui decisivamente para fortalecer o patriotismo dos brasileiros.

E o patriotismo é o maior traço de união da nacionalidade, bem como proclama a frase símbolo da Liga da Defesa Nacional:

***A Alma de uma Nação é o
Espírito Patriótico de seu Povo***

() Coronel R/1 do Exército Brasileiro e
Presidente da Liga da Defesa Nacional – Rio Grande do Sul*

2ª Nota de Apresentação de
A Última Ordem do Coronel Apparício Borges
Edição Digital Rememorativa (2022)

Roberto Alexandre dos Santos ()*

Honra-me sobremaneira apresentar esta nova e digital edição rememorativa dos 90 anos do Combate de Buri do livro ***A Última Ordem do Coronel Apparício Borges***. Faço-o na atitude de aprendiz, pouco comum a de um apresentador.

Quem apresenta tem geralmente a posição de quem introduz, apoiado em sua suposta capacidade e competência, em seu conhecimento e renome.

É sempre a postura de quem pode julgar a obra que está apresentando e avaliá-la para o público a quem se destina. Uma apresentação, assim como o prefácio, é um costume antigo que se torna a legitimação ou a validação da autoridade.

Desta vez, porém, este apresentador se põe na situação de quem tem o privilégio de dizer, que sou brasileiro e amo o meu Brasil, o teu Brasil e Brasil, que vivemos, pois todos estes são diferentes.

Importa dizer, que se todos quantos puderem mergulharem, no mesmo espírito patriótico e legítimo como esteve o Coronel Apparício Gonçalves Borges, posicionado em ideais, convido-te, os passos dão conta da conduta moral e ética, da disciplina e a hierarquia, do combate e a política.

Considero com uma alta distinção, apresentar esta obra ao lado do Coronel Marco Elias Danguí Pinheiro, presidente da Liga da Defesa Nacional – Rio Grande do Sul e do Coronel Cláudio dos Santos Feoli, Comandante Geral da Brigada Militar, acompanhados de distintos prefaciadores nesta excepcional obra, que nunca será esquecida, e que não nos faltará vigor para que isso aconteça.

Por isso, impossível de não elevarmos os vultos de nossas históricas e reais, revolução, lutas e guerras, em prol de tornar homens livres e de bons costumes ao patamar merecido, por simplesmente combaterem a tirania, e com seus próprios sangues derramados, para nos garantir os tempos que vivemos, com as várias facilidades encontradas e adquiridas, por estes.

Heróis? Sim, os nossos heróis, entre eles o Coronel Apparício Borges... Salve, Coronel!!! Seu espírito, inundou este leitor, e sua memória está viva entre nós, para dizer-lhe que continuamos firme no propósito, que seu sangue não foi derramado em vão.

Dias difíceis, sim... Dias sombrios, pois homens se perderam em seus próprios anseios, em suas ambições, e deixaram suas almas escurecerem, pela corrupção, pela vaidade, pelo egoísmo de suas paixões...

Por um tempo, minha geração, cantava sorridente o hino nacional, cultuava a semana do Sete de Setembro, se mantinha em pé e a ordem, nas paradas cívicas, e o melhor dia, era vivido quando altivos, em representando nossas escolas, no desfile... que alegria imensa era desfilar no sete de setembro, a cidade parava, as famílias viviam para entorno disso, era um momento de civilidade festivo, pois sabíamos quais motivos, ainda que inundados pela alegria, impossível não saber o porque ali estávamos.

Hoje alguma coisa, aconteceu, pois não faz tanto tempo assim, para que os nossos olhos estão contemplando, de os brasileiros, não adorarem, amarem mais o Brasil, que deixamos apenas nas mãos de homens que utilizaram do poder que tinham, se perder.

Parece que tudo é simplesmente história, simplesmente o passado. Ideologias, baratas, estranhas, corruptas e devastadoras alimentam diariamente as mentes, frágeis, de nossos filhos e sobrinhos, e nós filhos de heróis, filhos de poderosos e combatentes homens, que talvez a história nunca mais terá, não podemos nos abater de sentimentos empobrecidos, estranhos a de um patriota.

As variadas condições de se prefaciá-la uma obra, e especial essa aqui trazida, com os pontos, que considero nesse momento espirituoso que me encontro, é a condição de buscar indagações e argumentações que se propõe a te trazer, nessa imersão em busca dos valores.

Valores, como é sabido, não podem ser definidos, entretanto, podem ser descritos e analisados de acordo com comportamento dos integrantes de uma sociedade.

E nesse paradigma, que te convido, a nunca abandonar o que mais acredita, se em teu viver existe um caminho, e nele foste formado, saiba que é nele que deve construir todas as tuas condições e posições. Pois igualmente como foi o Coronel Apparício Borges, filho de também homem de guerra, sendo o seu pai. Que a memória, da altivez, a bravura destes homens, estejam a conduzir-te nesta jornada.

É visível a necessidade de desenvolver nos moradores: crianças, jovens, adultos e idosos o interesse e a participação como cidadãos. Observamos o crescente número de pessoas que vivem sem participar dos avanços da comunidade em que fazem parte.

Apesar de afirmamos que vivemos em uma democracia que pressupõe o exercício pleno da cidadania. Isto ocorre porque não nascemos cidadãos, a cidadania é construída, é uma conquista que se aprende e por isto precisa ser difundida.

Nesta senda, importa dizer que a Funperacchi, está pautada em suas ações e atividades, a se posicionar num relevo de onde o homem podem serem livre e com bons costumes, onde ensina a amar a pátria que dela foste formado, que conduz a quem quer que seja, a manter a lei e a ordem.

Em que pese, a necessidade de que a cada dia, nossos sonhos se materializam pela vontade, daqueles a frente de grandes batalhas, deixaram

muito mais, que a história, deixaram muito mais que um legado, deixaram muito mais que suas gerações, deixaram essa egrégora, altiva e real, que tem poder de clarear almas de homens, que te ofereço nesse momento que debruçará nesta obra.

Não deixarei de colocar essas impressões aqui, para emprestado dizer-lhes: O justo deve ser guiado “pelos princípios da justiça e não pelo fato de o injusto poder queixar-se”.

Com a devida vênua, meus mais sinceros agradecimentos, pela idealização, e a prática executável desta importante obra, em que a Liga de Defesa Nacional, no Rio Grande do Sul, na parceria com a Fundação Walter Funperacchi, considerou fazer, Indiscutivelmente, este é o espírito que buscamos manter com todo o vigor, e por isso, eternizo meu agradecimento, por permitir ser um dos apresentadores desta linda obra. Estarão sempre vivos e batendo forte neste coração, com as bênçãos de Deus. Forte Abraço!

*Advogado Militarista e Presidente da
Fundação Walter Peracchi Barcellos (FUNPERACCHI)
Porto Alegre, 2022*

3ª Nota de Apresentação de *A Última Ordem do Coronel Apparício Borges* **Edição Digital Rememorativa (2022)**

Cláudio dos Santos Feoli (*)

O sentimento de honra e gratidão com o convite para prefaciar esta obra tão significativa, ***A Última Ordem do Coronel Apparício Borges***, em sua edição digital rememorativa pela passagem dos 90 anos do Combate de Buri, ultrapassa o sonoro compromisso de fé e lealdade que todos nós, integrantes da Brigada Militar, temos com nossos precursores, nossa farda, nossos ícones e os valores construídos nestes quase dois séculos de história.

Há que se entender que o conhecimento dessa história, que é a nossa história, resta determinante para a construção de nossa identidade atemporal.

A essência do que somos, e do que ainda seremos, é o balanço nem sempre exato do que fomos, eis o tanto que passamos – seja no protagonismo combativo de tantos tempos vividos entre extrema efervescência, seja na biografia de tantos que vestiram esta farda com honra e renúncia. Evoluções, mudanças, guinadas do destino.

E nossa brios corporação ali, tomando a frente nos *fronts* das mais diversas batalhas, empilhando heroísmos, construindo o que hoje sabemos ser o conceito de um bem tão precioso quanto duro de se alcançar: a liberdade. A cidadania.

A biografia do Coronel Apparício Borges, à época do combate de Buri tenente-coronel comandante do 1º Batalhão de Caçadores – promovido *post mortem* por seu ato heróico – fala por si e é um exemplo gigantesco desse espírito que sempre norteou os integrantes da Brigada Militar.

De soldado a comandante, um homem de tantas lutas quanto as turbulências da época provocavam e exigiam. Um apaixonado pelo front de batalha, um militar exigente consigo e com suas tropas, um estrategista de alto nível e um combatente que só conhecia o destemor como preceito.

Sua morte em combate, eternizada dois anos depois no monumento que até hoje temos, imponente, em nossa eterna Chácara das Bananeiras, é, por uma dessas poéticas lavras do destino, a representação do que somos, todos nós, integrantes da Brigada Militar: combatentes da ordem e da cidadania que oferecem a própria vida no cumprimento do dever.

E, na imagem de um Coronel Apparício Borges ferido logo após dar a sua última ordem, em pleno combate nos vemos, nós todos, brigadianos de farda e alma, e podemos lembrar tantos oficiais e praças que tombaram no cumprimento do seu dever, na razão una do seu juramento, na defesa da sociedade gaúcha, nestes tantos anos de histórias de combates, das guerras

políticas de outrora ao enfrentamento de uma criminalidade organizada nos dias de hoje.

Sim, o Coronel Apparício Borges nos representa. Em sua imagem e história. Em sua força e legado. Nossa identidade e valor, o que nos move e motiva a prosseguir, passa pela sua biografia.

E estou certo de que há, ainda, uma última ordem do Coronel Apparício Borges, não transcrita em nenhum livro ou depoimento, mas que ecoa até hoje no grito vibrante que vem de sua imagem:

***Não desistamos jamais!
Sigamos o bom combate, unidos, fortes e determinados
a trazer a vitória da paz e da ordem para o nosso povo!***

() Coronel QOEM e Comandante-geral da Brigada Militar.*

Prefaciador Convidado de
A Última Ordem do Coronel Apparício Borges
Edição Digital Rememorativa (2022)

Ataide Moraes Rodrigues ()*

A Alma do Herói anima incontáveis gerações!

Dizer das virtudes do Excelso Comandante, Coronel Apparício Gonçalves Borges é reprisar o rol de quantas possam ser descritas.

Desde o início de sua existência neste plano ecoam referências de seus predicados.

Sua vida exemplar colecionou momentos de glória o que legou às gerações futuras um manancial oceânico de registros de honradez, coragem, disciplina, lealdade, liderança incontestada e tantos outros atributos inferidos de sua conduta e gestos de nobreza.

Homens de estirpe gigantesca como a sua determinaram o sentido e a direção no caminho de engrandecimento da Brigada Militar que a faz transcender os umbrais de Instituição, alçando-se à categoria de Legião de Guardiões da Sociedade Gaúcha e Defensores da Pátria.

Diz-se que “pelo fruto se conhece a árvore”!

Como adolescente ainda, tive o privilégio de ter como um de meus mestres na Academia de Polícia Militar o Coronel Geraldo Coimbra Borges, filho do Coronel Apparício Borges.

Um homem sério, tranquilo, severo e humano. De admirável cultura geral e profissional. Transpirava dignidade e sobriedade. Muito compreensivo e com perfil de verdadeiro educador e líder.

Ao longo do tempo e passando a conhecer a história de seu pai, foi possível perceber a fonte daquela postura altiva e também exemplar.

Mudam-se os tempos, renovam-se conceitos, alinham-se novos personagens, transformam-se os cenários, porém os atos de bravura, espírito de sacrifício e de renúncia, se repetem no ideal dos “BRIGADIANOS”, refletidos como marca indelével, para o futuro, em contribuição às sucessivas gerações. Ideal traduzido em legado estoico de dedicação abnegada, à proteção dos seus semelhantes, tal qual o fizeram seus antepassados, reafirma princípios e valores, consagrados na ara dos que garantem a lei, a ordem e defendem os direitos da pessoa humana.

A vitória é daqueles que mesmo abatidos lutaram com honra e nobreza e se eternizam na glória, vencendo a morte, pela retidão e denodo com que viveram.

() Coronel RR da Brigada Militar.
Comandante da Legião Ativa da Brigada Militar.*

Prefaciador Convidado de
A Última Ordem do Coronel Apparício Borges
Edição Digital Rememorativa (2022)

Cláudio Moreira Bento ()*

Como gaúcho filho de Canguçu e historiador militar, sinto-me muito honrado em ser um dos prefaciadores da edição digital rememorativa do precioso livro de Harry Wilhelm Rotermund, ***A Última Ordem do Cel Apparício Borges*** que foi morto heroicamente no combate de Buri, em São Paulo, na Revolução de 1932, em 27 de Julho de 1932.

A primeira força armada com que tive contato foi com a Brigada Militar, através de seu Destacamento em Canguçu, ao lado do qual, como aluno do Colégio Nossa Senhora Aparecida, figurávamos nas comemorações da Semana da Pátria.

Ao fundarmos em 10 de maio de 1980, em Pelotas, o Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) tivemos com vice-presidentes dois destacados Historiadores da Brigada Militar, os Coronéis Hélio Moro Mariante e José Luiz Silveira.

Ao fundarmos em 1996, a Academia de História Militar Terrestre do Brasil nela acolhemos como acadêmicos representando a Brigada Militar, o Cel PM Hélio Moro Mariante como Patrono de Cadeira em vida e o Ten Cel José Luiz Silveira com denominação da Delegacia da AHIMTB em Santa Maria – RS. Academia esta destinada a desenvolver a História das Forças Terrestres do Brasil (Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica e Polícias e Bombeiros Militares).

Ao escrevermos a História do Exército no Rio Grande do Sul, no volume ***História da 3ª Região Militar 1989-1953*** (2014) escrevemos nas páginas 53 a 57 uma síntese histórica da Brigada Militar e de seu primeiro comandante, o Cel Art Joaquim Pantaleão Telles de Queiroz.

Sou neto do Cel da Guarda Nacional Genes Gentil Bento, que como Chefe da Polícia do Rio Grande do Sul no Governo Borges de Medeiros, desempenhou muitas missões pacificadoras do Partido Republicano, sendo nelas acompanhado por contingentes da Brigada Militar, ao tempo do Cel Massot, destacado comandante da Brigada Militar.

Pertencem a AHIMTB como acadêmicos os ilustres oficiais da Brigada Militar o Cel André Wolozsyn e Aroldo Medina dos quais prefaciamos o escrevemos abas de seus trabalhos relevantes.

Como presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, as polícias com os quais mantive o mais estreito contato foram a Brigada Militar do Rio Grande do Sul e a Polícia Militar do Estado de São Paulo.

A Brigada Militar do Rio Grande do Sul está presente na serie de meus 21 livros sobre a História do Exército Brasileiro no Rio Grande do Sul onde ela figura intimamente ligada ao Exército e muitas vezes comandada por oficiais deste.

A Policia Militar de São Paulo contribuiu como seus policiais para formar a primeira unidade de Policia do Exército da Força Expedicionária Brasileira conforme nos ensina livro de Cel PM Paulo Adriano Lopes Lucinda Telhada, acadêmico da AHIMTB cadeira especial Cel PM Pedro Dias de Campos outro destacado historiador militar e grande comandante.

Tivemos também a honra de escrever Polícia Militar de São Paulo: Lealdade e Constância (1982) e ser um dos prefaciadores convidados da reedição digital de **Cruzes Paulistas** (2022).

De igual forma como ocorreu a Brigada Militar do Rio Grande do Sul, da qual o Cel PM Helio Moro Mariante foi patrono em vida de cadeira a ela dedicada, o Cel PM Edilberto de Oliveira Melo (in memoriam) foi o patrono em vida de cadeira a Policia Militar do Estado de São Paulo.

Justas as homenagens ao heróico brigadiano Cel Apgarício Borges, exemplo de fidelidade ao dever e de amor a Brigada Militar, exemplo perenizado em Porto Alegre, em nome da antiga rua 2 irmãos, e no nome do Grupo Escolar da Chácara das Bananeiras, local de importantes instalações da Brigada Militar, que inclui sua Academia Militar, a qual guarda expressivo monumento ao heróico exemplo do Cel Apparício Borges, cujos restos mortais repousam junto com pessoas de sua família em Porto Alegre, no Cemitério de Santa Casa no Nicho nº 494. E meus cumprimentos pelo excelente trabalho do autor Harry Wilhelm Rotermund (in memoriam) à seu neto Sioberg Rotermund.

Sobre o Combate de Buri, seguramente o Cel Apparício enfrentou tropas da Polícia Militar do Estado de São Paulo, para cujo treinamento contratou em 2009 uma Missão Militar Francesa, cerca de doze anos antes de que o Exército Brasileiro contratasse a sua Missão Militar Francesa.

Ainda acerca do Combate de Buri, falta uma análise a luz dos fundamentos de Arte Militar do confronto defensivo das forças paulistas com a ofensiva adotada pelas forças da Brigada Militar ao comando do Cel Apparício, que enfrentou uma posição defensiva na forma de duas meias lutas justapostas o que explica as pesadas baixas sofridas pelo Batalhão do Cel Apparício, que ainda assim conseguiu romper a forte barreira adversária em Buri.

() Coronel Reformado do Exército Brasileiro.
Presidente Emérito da Academia de História Militar Terrestre do Brasil
Marechal Mário Travassos – Resende/RJ.*

Prefaciador Convidado de
A Última Ordem do Coronel Apparício Borges
Edição Digital Rememorativa (2022)

Eduardo Cunha Michel ()*

Não há honra maior na carreira de um Tenente-Coronel da Brigada Militar, senão a de Comandar o 1º Batalhão de Polícia Militar (1º BPM), o Batalhão de Ferro!

Em 1986, quando ingressei na Escola Estadual de 2º Grau da Brigada Militar, observávamos, admirados, a imponente escultura lá erguida em 20 de setembro de 1934, em frente ao quartel do então 1º Batalhão de Caçadores, na Chácara das Bananeiras.

Como bem descreveu o Coronel Geraldo Coimbra Borges, filho do Coronel Apparício Gonçalves Borges, ali está representada, do Coronel ao Soldado, toda a Brigada Militar.

Observando a Galeria de Comandantes, sou o 52º Comandante do Batalhão de Ferro após o nosso Patrono.

Todos os dias, quando adentro o Batalhão de Ferro, me deparo com o busto do Coronel Apparício, ladeado pelos Estandartes da Brigada Militar e de nosso Batalhão.

Os atentos, ao passarem pela calçada externa ou pátio interno, também o enxergam, seja dia ou noite. Ali, do alto de seu Posto de Comando, com inflexível expressão, nos observa e guia.

Não são necessárias palavras, seus feitos em vida ainda retumbam no velho casarão da 17 de Junho.

Seus valores, externados a todos que consigo conviveram desde o 30 de maio de 1911, quando ingressou nas fileiras do 1º Batalhão de Caçadores, estão registrados em assentamentos. E sabemos o quanto são raros registros, exceto àqueles que extrapolam ao cotidiano do dever.

O Combate em Buri não é lembrado apenas pelas mortes dos Oficiais e Praças daquela lendária unidade ou sua vitória, ou mesmo por se terem batido em retirada as forças paulistas.

A Batalha ocorrida em Buri transmutou feitos e valores em causa pétrea!

Aliada às palavras do Tenente-Coronel Argemiro Dornelles, Comandante da Vanguarda das Forças Ordinárias do Sul, ao designar como “Homens de Ferro” os integrantes do então 1º Batalhão de Caçadores, estabeleceram em seus pósteros, o padrão a ser mantido!

Hodiernamente, passados 90 anos, homens e mulheres do atual 1º Batalhão de Polícia Militar mantém com excelência e dignidade o heróico título conquistado em 1932.

Os tempos são outros, os combates de outrora, por augustos ideais, são hoje travados para proteger a sociedade da escória, esta, equipada com pistolas, fuzis e covardia.

O 1º Batalhão de Caçadores da Brigada Militar, a unidade de Apparício, Camilo, Arisoli, Timóteo e Ércias, desde a década de 30, foi redirecionada ao policiamento ostensivo.

Em sua trajetória histórica, este lendário batalhão deu origem ao 19º e 21º BPM, e hoje, denominado 1º BPM, é também a unidade de Barbosa, Pereira, Marcio Brito e outros tantos, que tomaram em defesa da sociedade.

O 1º BPM mantém a vanguarda.

Corre nas veias de sua valorosa tropa o Lema “LUTAR, AVANÇAR e VENCER!”, utilizado como brado dos cursos de nivelamento e pela Companhia de Força Tática, responsável pelas patrulhas em locais de alto risco, escolta e choque ligeiro.

Em minha opinião pessoal, não é apenas o lema de um Batalhão, é um lema de vida, que dá vida à Brigada Militar!!

Perguntar-me-ão sobre ***A Última Ordem do Coronel Apparício Borges***, aos quais responderei: – A executamos todos os dias,

***“Desloque-se para a frente, siga os trilhos
(avance em direção ao combate),
que nos encontrará!”***

() Tenente-Coronel QOEM da Brigada Militar.
60º Comandante do 1º Batalhão de Polícia Militar
“O Batalhão de Ferro”*

Prefaciador Convidado de
A Última Ordem do Coronel Apparício Borges
Edição Digital Rememorativa (2022)

Jerônimo Carlos Santos Braga ()*

A iniciativa da Liga da Defesa Nacional do Rio Grande do Sul, em reeditar a obra de Harry Rotemund ***A Última Ordem do Coronel Apparício Borges***, em lembrança dos cem anos do Combate de Buri, onde faleceu o Comandante do 1º Batalhão de Infantaria de Brigada Militar, é homenagem incontestável àqueles que tombaram nos campos de São Paulo, naquela histórica passagem de nossa pátria e em especial do Rio Grande do Sul.

O amanhecer do dia 26 de julho de 1932, ouviu o toque do Corneteiro Timóteo, chamando os componentes do 1º Batalhão a se prepararem para mais uma jornada, a todos a batalha que se aproximava, fazia-os apreensivos e corajosamente prontos para o embate, levantando firme a honra do Batalhão que nunca recuou nem conheceu derrota.

A confiança da tropa não lhes dava a possibilidade de revés, o orgulho a que seu comandante lhes passava, não permitia prever que naquele dia, a coragem, o estoicismo e a liderança, cobriam a vida de Apparício Borges, de seu Corneteiro Timóteo e de outros componentes, seus camaradas.

Nas passagens descritas neste livro, encontraremos excelente pesquisa de seu autor que, fiel aos acontecimentos, narrou de forma isenta os acontecimentos de 26 de julho, no que se constituiu a prova da bravura do comandante do Batalhão.

Sem furtar ao leitor a emoção da leitura, julgo importante exaltar alguns dados da Batalha de Buri, a mais tenebrosa enfrentada naquele episódio de 1932, onde morreram em combate o Tenente Arisoli Fagundes, o Corneteiro Cabo Timóteo Alves e outros tantos feridos, comprovando que o fragor da batalha foi intenso e mortal. Dia 27, não resistindo aos ferimentos faleceu Apparício Borges, tornando-se a lenda do Batalhão. É do Coronel Argemiro Dorneles, Comandante da Vanguarda no Sul de São Paulo a citação:

“Os soldados do Batalhão só têm um desejo: – O ímpeto de combater e a glória de chegar primeiro” e segue em sua Parte, documento oficial, *“o 1º Batalhão de Infantaria da Brigada Militar, a quem coube a mais difícil tarefa, parecia uma torrente a despenhar-se pela montanha”* e mais: *“mas esses loucos obedeciam conscientemente à vontade inteligente de um forte o Tenente Coronel Apparício”*.

O Leitor encontrará nas páginas dessa obra, leitura que prende e atrai, quer pela grandiosidade do ocorrido, como pela narrativa do autor.

() Coronel RR da Brigada Militar.
Presidente da Associação dos Amigos do Museu da Brigada Militar.
Vice Presidente da Fundação Walter Peracchi de Barcellos.*

Prefaciador Convidado de
A Última Ordem do Coronel Apparício Borges
Edição Digital Rememorativa (2022)

Julio César Benites Teixeira ()*

A Revolução de 1932, iniciada em São Paulo contra o governo brasileiro de Getúlio Vargas e pela demora de uma Constituição, teve o apoio também de outros Estados como Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Dentre as localidades que se posicionaram favorável à causa paulista apontamos Caçapava do Sul, Vacaria, Lagoa Vermelha, Pelotas, Cerro Largo, São Sepé, Encantado e Lajeado, mas estes movimentos foram abafados por forças do Governo.

O general Flores da Cunha desenvolvera uma ação fulminante sobre os grupos revolucionários determinando a prisão de todos os líderes do movimento, logo em seguida, Borges de Medeiros, o então tenente Walter Peracchi Barcellos e outros elementos da força pública estadual foram presos em Serro Alegre, no município de Piratini.

Antes, porém, o general Flores da Cunha recebeu telegrama de Borges de Medeiros Flores, dizendo-lhe que entre a ditadura e a sorte do Rio Grande do Sul não era permitido hesitação; deveria o interventor federal ficar com o Rio Grande do Sul e convidando-o a ser o condutor do movimento revolucionário se esse surgisse. Há menos de uma hora Flores da Cunha respondeu que renunciaria o cargo para ficar ao lado do Rio Grande, mas que enquanto fosse interventor não permitiria que a ordem fosse perturbada, por ser seu cargo de confiança do governo central.

Ao comunicar sua decisão a Getúlio Vargas, chefe do Governo Provisório, Flores da Cunha se deixou levar pelo poder persuasivo de Getúlio Vargas que não aceitou sua renúncia alegando que acabara de receber notícias que forças federais na capital de São Paulo se rebelaram e que ele esperava contar com atitude digna, leal e corajosa do nobre amigo da frente do Rio Grande.

Na ocasião o então tenente coronel Apparício Borges era comandante do 1º Batalhão de Caçadores da Brigada Militar e sua Unidade foi uma das primeiras a receber ordens para seguir para São Paulo, mas, antes da partida, foi chamado ao Palácio do Governo, onde Flores da Cunha deu-lhe instruções referentes à campanha.

Conta Harry Rotermond, nesta sua obra imorredoura ***A Última Ordem do Coronel Apparício Borges***, que a resposta que o altaneiro comandante deu ao interventor federal, após receber as ordens foi a seguinte: “As ordens que recebo são contra os meus princípios, mas as cumprirei porque sou soldado”.

Foi numa segunda-feira, às 21:30 horas do dia 11 de julho de 1932, que começou o embarque do Batalhão com 359 praças em duas composições de

trem com destino a São Paulo. Aos 40 minutos do dia 12 põe-se em movimento a primeira composição ao som da corneta do corneteiro Timóteo que põe toda a sua alma no toque de Silêncio, enquanto o trem vai se afastando. Uma hora depois segue a segunda.

No dia 18, o Ten Cel Apparício Borges apresenta-se, com o Batalhão, ao General Waldomiro Castilho de Lima, comandante das Forças em Operações no Setor Sul que imediatamente lhe paga a missão de constituir sua unidade, a vanguarda de toda a coluna, na Linha Sorocabana. Na manhã de 19, o 1º Batalhão de Caçadores avança sobre Itararé. Durante uma semana o Batalhão prossegue marcha sendo, em todo momento, hostilizado pelas forças rebeldes, mas também consegue efetuar algumas prisões.

Ao amanhecer do dia 26 os comandantes recebem suas missões. O Capitão João Tácito dos Santos comandante da 1ª Companhia substitui a 3ª nos postos avançados; o Pelotão Lourival Rodrigues Sobral, que fazia a testa da vanguarda é destacado para fazer o reconhecimento da frente; o Ten Cel Apparício Borges destaca a 3ª Companhia do Capitão Nicomendes Moreira Roehring para guarnecer as alturas e a esquerda da estrada de rodagem que ligava Rondinha e Buri, onde deveria esperar a chegada da artilharia, incumbida de bombardear a Estação de Buri e os ninhos de resistência do inimigo.

Dirigindo-se a linha de frente, o Comandante Apparício constata que os rebeldes se encontravam em posição defensiva, ocupando diversas cristas, numa frente de mais de dois quilômetros e num terreno em forma de ferradura.

Toma suas providências e posiciona a 2ª Companhia do Capitão David de Oliveira Rego, o 2º Tenente Januário Dutra, que comandava uma Seção de metralhadoras pesadas, um Pelotão da 2ª Companhia Comandado pelo 2º Tenente Alfredo Gomes Jacques e outro sob as ordens do 2º Tenente Arisoli Fagundes.

O Comandante Apparício dirige pessoalmente a batalha e está ora na frente dos pelotões da 1ª, ora dos da 2ª Companhia. O Tenente Benites, toma com seus homens as trincheiras inimigas e efetua 283 prisioneiros, mas os adversários são numerosos e o combate fica cada vez mais intenso.

O Tenente Jacques ao avançar, cai ferido, o Tenente Arisoli no momento que se apronta para se lançar dentro de uma trincheira adversária, é atingido por uma bala que o prostra ao solo.

O combate toma feições violentíssimas e o Ten Cel Apparício pede reforço ao Major Camilo. O inimigo desencadeia violenta fuzilaria e procura estabelecer uma cortina de fogo, a fim de barrar a investida do Batalhão, mas este com o Ten Cel Apparício na vanguarda, não obstante a violência e a reação do adversário, continua avançando.

Porém, diante da violência da guerra, nem os mais experientes combatentes ficam imunes às balas inimigas, ao procurar transpor as barreiras de ferro e fogo que o inimigo levantara para estugar o passo dos homens da Brigada Militar, uma rajada intensa atinge fatalmente o Comandante Ten Cel

Apparício. Além de sua irreparável perda, bem como a do Tenente Arisoli, Cabo corneteiro Timóteo Alves e Soldado Ercias Anes, também foram gravemente feridos: 2º Tenente Alfredo Gomes Jacques, 2ºs Sargentos Miguel Barbosa das Neves, Porciano da Silva Marques, 3ºs Sargentos Ovídio Knaipp, Frazão Dutra, Cabo Delfino Marques dos Santos e Soldados Fortunato Camargo da Silva, Marcelino Brites Soares, Brasileiro Ferreira da Cruz, Valentino Prado do Nascimento, João Tavares de Lima, Octacílio Reichert, Albino Silva e Antônio Francisco de Souza.

A Revolução Constitucionalista não acaba aqui, houve outros combates como o do Fão, cujo episódio é até hoje lembrado na comunidade de Barra do Dudulha, por considerar que representou um momento político do Rio Grande do Sul, em que pessoas contrárias a Getúlio Vargas apoiaram a causa paulista, mesmo reprimidos por forças governamentais gaúchas.

Ao encerrar minha singela participação nesta grandiosa obra, quero agradecer à Comissão Organizadora de ***A Última Ordem do Coronel Apparício Borges***: edição digital rememorativa dos noventa anos do Combate de Buri (2022), por confiar-me esta missão.

A cada linha escrita, na tentativa de desincumbir-me da missão, crescia minha responsabilidade e o medo da insensatez, uma vez que não praticamos no dia a dia, o nobre exercício de reproduzir os fatos.

De toda a sorte, neste resumo, a omissão involuntária de nomes e fatos é inevitável, haja vista minhas limitações e o limite de espaço, porém pode servir para instigar o leitor à pesquisa.

() Professor Mestre em Educação pela PUCRS e
Presidente Emérito da Liga da Defesa Nacional – Rio Grande do Sul*

Prefaciadora Convidada de
A Última Ordem do Coronel Apparício Borges
Edição Digital Rememorativa (2022)

Najara Santos da Silva ()*

Após a Revolução de 1930, que marcou o fim da República Velha, Getúlio Vargas adotou uma série de medidas centralizadoras que limitaram a autonomia dos Estados, enfraqueceram o Poder Legislativo e fortaleceram o Executivo, suscitando o descontentamento das elites políticas paulistas.

Em decorrência desse desagrado, foi realizado um grande comício na Praça da Sé, no dia do aniversário de São Paulo, com um público estimado em 200 mil pessoas, que empunhavam bandeiras do Estado e cartazes com palavras de ordem, evidenciando a sua insatisfação com o governo de Vargas.

Entretanto, o estopim da revolta foi a morte de quatro estudantes no centro da cidade de São Paulo, assassinados a tiros por partidários da ditadura, pertencentes à Legião Revolucionária, em maio do mesmo ano.

A morte dos jovens Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo deu origem ao movimento de oposição que ficou conhecido como MMDC, ao qual se uniram, posteriormente, o Partido Republicano Paulista (PRP) e o Partido Democrata, que visavam à volta da supremacia paulista e do PRP ao poder, e queriam, também, reparar a injustiça ocorrida, quando o candidato dos paulistas Júlio Prestes foi eleito à presidência, mas impedido de tomar posse pela Revolução de 1930.

Em consequência, em 9 de julho de 1932, eclodiu em São Paulo o Movimento Constitucionalista. Destarte, mesmo sem a esperada adesão do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais, os rebeldes sublevaram-se contra o Governo Federal, ocuparam os quartéis e assumiram o controle do Estado.

Os insurgentes defendiam a autonomia dos Estados, opondo-se à continuidade do Governo Provisório instaurado por Getúlio Vargas, cada vez mais centralizador e autoritário.

Em virtude desse fato, as forças constitucionalistas paulistas invadiram pontos estratégicos na capital e estabeleceram cinco setores ou frentes de combate, a saber, a Norte, através do vale do Paraíba, constituía o principal acesso ao Rio de Janeiro e cidades do Litoral Norte; a Leste ou mineira, na região de Campinas, na divisa com Minas Gerais; do Mato Grosso; a Sul ou do Paraná, pela região da estrada de ferro Sorocabana até Itararé e Ribeira do Iguape; e a Litoral ou Costeira, entre a Serra do Mar e o Litoral Norte de São Paulo.

À semelhança dos revoltosos, as tropas legalistas também se articularam em cinco frentes.

Nessa conjuntura, a Brigada Militar foi chamada para apoiar o Governo Federal, mobilizando contingentes dos 1º, 2º, 4º e 5º Batalhões de Caçadores (Infantaria), e dos 2º e 3º Regimentos de Cavalaria, totalizando 169 oficiais e 2.393 praças regulares, além do efetivo dos Corpos Auxiliares.

Depois de organizados, os 1º e 5º Batalhões de Caçadores seguiram de trem até São Paulo, onde passaram a integrar a Frente Sul, ao lado das Forças Públicas do Paraná e de Santa Catarina.

Os 2º e 4º Batalhões de Caçadores e o 2º Regimento de Cavalaria seguiram de navio para o Rio de Janeiro, integrando a Frente Leste.

Na Frente Sul, os combatentes foram posicionados na divisa entre o Paraná e São Paulo, com a incumbência de bloquear as vias de acesso para a estrada de ferro Sorocabana.

Para tanto, entraram em São Paulo pelo rio Itararé e Capela da Ribeira (atual município de Ribeira), progrediram em direção ao Norte e ocuparam a referida ferrovia, até a estação de Aracaçu, a 18 quilômetros da cidade de Buri.

Nos dias seguintes, a vanguarda das tropas federais seguiu em território paulista e chegou a Faxina (hoje Itapeva), apreendendo cavalos, armas e equipamentos, que haviam sido abandonados pelos rebeldes. Depois, avançou em direção a Buri, tomada pelos revolucionários, por ser um ponto estratégico.

Encarregado de seguir na extremidade dianteira da Frente Sul, o 1º Batalhão de Caçadores, sob o comando do tenente-coronel Apparício Gonçalves Borges, marchou para Buri. No dia 20 de julho, entrou em confronto com os insurretos, na estrada de ferro Sorocabana, entre as estações Engenheiro Maia e Muniz de Souza. No dia seguinte, próximo à estação Itanguá, em São Paulo, seus homens foram atacados pelos inimigos, mas conseguiram fazê-los abandonar a posição.

Na estação Engenheiro Bacelar, o 1º Batalhão de Caçadores combateu os revoltosos, ao longo de oito horas, aprisionando 294 inimigos, grande quantidade de armamento, munição e outros materiais.

Contudo, o Batalhão teve três mortos e vários feridos, dentre os quais o tenente-coronel Apparício Gonçalves Borges.

Alguns dias depois, durante o combate em Buri, em um terreno de topografia completamente desfavorável, sob chuva torrencial, a infantaria gaúcha venceu o inimigo de maneira brilhante, evidenciando rara bravura.

No entanto, o intrépido tenente-coronel Apparício Gonçalves Borges, na vanguarda do 1º Batalhão de Caçadores, foi atingido por uma intensa rajada de tiros, que provocou a sua morte.

O tenente-coronel Apparício Borges ingressou como recruta no 1º BI da Brigada Militar, em 1911, alguns dias antes de completar 18 anos.

No decorrer de sua carreira, destacou-se por sua reconhecida capacidade militar, excepcional compreensão do dever e dedicação extrema. Salientou-se por seu desempenho no Movimento Libertador (1923), no Rio Grande do Sul; na Revolução de 1924, em São Paulo; e pela atuação no

Nordeste do Brasil, em perseguição à Coluna Miguel Costa-Prestes. Em Itararé, teve participação decisiva à frente de seu efetivo.

Por esse motivo, ao assumir interinamente o comando do 1º Batalhão de Caçadores, o major Camilo Diogo Duarte declarou que o tenente-coronel Apparício Gonçalves Borges esteve presente nas fases mais periclitantes da história sul-rio-grandense e que sempre soube comandar e conduzir a tropa com serenidade e extraordinária capacidade administrativa, no entanto, vítima de um “golpe prematuro do insondável destino” pereceu no campo da luta, na direção de sua Unidade.

Após esse breve relato sobre a participação da Brigada Militar no Movimento Constitucionalista, agradeço o convite e a oportunidade de participar da edição digital em comemoração aos 90 anos do Combate de Buri, no qual feneceu o tenente-coronel Apparício Gonçalves Borges, promovido *post mortem* ao posto de coronel e instituído patrono do 1º Batalhão de Polícia Militar – o Batalhão de Ferro – em 1968.

(*) *Coronel RR da Brigada Militar.*
Licenciada em Estudos Sociais (UNISINOS) e em História (UNISINOS).
Especialista em Museologia e Patrimônio Cultural (UFRGS).



CORONEL APPARÍCIO GONÇALVES BORGES

Patrono do 1º Batalhão de Polícia Militar
– Batalhão de Ferro da Brigada Militar –



A Revolução Constitucionalista

Antecedentes Históricos

Após o vitorioso movimento revolucionário de 1930, Getúlio Vargas assumiu as rédeas do poder, no Rio de Janeiro, a 3 de novembro daquele ano, constituindo um Governo Provisório, com forte centralização administrativa.

Um dos atos foi a dissolução do Congresso, outro, a organização de uma Lei Orgânica e, logo após, a criação de dois novos Ministérios: os da Educação e do Trabalho, com os quais dotou o País de uma legislação trabalhista considerada avançada para aquela época.

O Estado do Rio Grande do Sul, pela primeira vez, conseguiu por termo à preponderância política de São Paulo, existente a quase meio século, e essa reviravolta representava verdadeira ameaça aos interesses da plutocracia daquele Estado, o qual com a oligarquia mineira, formava a famosa aliança conhecida como "café-com-leite."

Em nosso Estado, os partidos estavam agrupados na Frente Única. Quanto ao plano nacional, uma das principais forças que tornaram possível a revolução de 1930, foi o tenentismo, e a escolha do tenente João Alberto, para a interventoria paulista, não passou de prestigiar a essa categoria de militares.

Deve ser lembrado que no ano de 1922, os tenentes tentaram impedir a posse do presidente eleito Artur Bernardes, com a revolta do forte de Copacabana. Depois de cercados pelas tropas do Governo Epitácio Pessoa, saíram para as ruas, onde foram dizimados e somente dois conseguiram escapar com vida: os tenentes Eduardo Gomes e Siqueira Campos.

Assim, em São Paulo, a perda de autonomia política, com a nomeação de um interventor não paulista, e o desvio da taxa de exportação para a União, tornaram também possível, em 1932, a formação da Frente Única paulista, com a união do PRP e o PD.

Começaram os clamores para a volta do País ao regime constitucionalista e a realização de eleições. Depois de muitas delongas, atendendo às exigências das Frentes Únicas paulista e rio-grandense e dos jornais partidários, Getúlio Vargas resolveu finalmente promulgar a lei eleitoral, nomeou um interventor civil para São Paulo e marcou as eleições para o dia 3 de março de 1933.

Mas o povo, e principalmente, os políticos não acreditaram nas promessas do chefe do Governo Provisório.

Sucederam-se visitas de emissários paulistas, portadores de cartas para Borges de Medeiros, Raul Pilla e outros políticos, informando-os sobre o andamento de uma conspiração para a derrubada de Getúlio Vargas. Os chefes da Frente Única não somente aprovaram o plano, como hipotecaram São Paulo o apoio dos partidos e do Governo do Estado, mas ocultando essas

visitas dos emissários como a conspiração ao interventor Flores da Cunha que, após a eclosão da revolução, assegurou em Manifesto ao povo riograndense "que não fui ouvido sobre a revolução e que os que conspiraram não podiam ter dúvidas sobre ela, e tanto não as tinham que o ocultaram de mim e de meus amigos, supondo, injuriosamente, que eu fosse capaz de trair o Governo de que era delegado, abandonando o cargo depois de deflagrada a revolução.

Conta a escritora Regina Portella Schneider, no livro ***Flores da Cunha, o último gaúcho legendário***, que aos primeiros minutos de 10 de julho de 1932, o general Flores da Cunha recebeu telegrama de Borges de Medeiros Flores, dizendo-lhe que entre a ditadura e a sorte do Rio Grande do Sul não era permitido hesitação; deveria o interventor federal ficar com o Rio Grande do Sul e convidando-o a ser o condutor do movimento revolucionário se esse surgisse.

A uma hora da madrugada, Flores da Cunha respondeu que renunciava ao cargo para ficar ao lado do Rio Grande; aguardaria seu substituto, mas enquanto fosse interventor não permitiria que a ordem fosse perturbada, por ser seu cargo de confiança do governo central.

Logo após, telefonou a Getúlio Vargas, comunicando-lhe sua decisão e solicitando um substituto, quando recebeu outro despa cho do chefe do Governo Provisório, informando não aceitar a renúncia e que acabara de receber notícias que forças federais na capital de São Paulo se rebelaram e agora tudo esperava da atitude leal e corajosa do nobre amigo da frente do Rio Grande. No criado Manifesto, Flores da Cunha queixou-se: "Por que só depois da eclosão do movimento a mim se dirigiram? A rebelião paulista encontra fundamento histórico, social ou político que a justifique.

Mas, igualmente é verdade que o Governo Provisório, que se instalara sob os melhores auspícios para ser de transição, encontrava-se instalado há mais de um ano e meio, e o povo rio-grandense estava de como e alma ao lado dos paulistas.

Todo São Paulo vibrou intensamente com a revolução que tinha por lema "Tudo pela Constituição" e que explodiu em 9 de julho, sob o comando do general Isidoro Dias Lopes e do coronel Euclides figueiredo. Esses militares esperavam contar com o apoio de outras unidades da Federação, mas esse apoio falhou, pois somente de Mato Grosso vieram algumas forças militares comandadas pelo coronel Bertoldo Klinger.

A conspiração era urdida no Rio Grande do Sul, na região serrana, com Marcial Terra, Glicerio Alves, Lindolfo Color e outros; em Santa Maria, com Alberto Pasqualini, elementos da Viação Féртеа, da Brigada Militar e do Exército, além de Valter Jobim. A eclosão do movimento se daria pela paralisação dos trens no centro ferroviário do Estado, que era Santa Maria.

Entretanto, o general Flores da Cunha desenvolveria uma ação fulminante sobre os grupos revolucionários. Borges de Medeiros e Batista Luzardo quando chegaram em Caçapava, na ida para Santa Maria, foram informados de que o interventor federal havia determinado a prisão de todos os líderes do movimento.

Logo após, Borges de Medeiros, o então tenente Walter Peracchi Barcellos e outros elementos da força pública estadual foram presos em Serro Largo, no município de Piratini. Batista Luzardo conseguiu fugir para o Uruguai. Raul Pilla já estava na Argentina, e Outros revolucionários emigraram para os países vizinhos.

Por sinal, o interventor federal e seu primo, o comandante geral da Brigada Militar, coronel João de Deus Canabarro Cunha, estavam receosos que comandantes da corporação estivessem comprometidos com líderes políticos e colocaram nas unidades fiscais de confiança.

O saudoso comandante do 1º Batalhão de Caçadores, o e invicto excelso coronel Apparício Gonçalves Borges, fez questão, em todos dos os combate, de estar sempre à frente do primeiro escalão combate, quando seu lugar deveria permanecer na retaguarda unidade.

O coronel Apparício era primo de Borges de Medeiros e a sua unidade foi uma das primeiras a receber ordens para seguir São Paulo, mas, antes da partida, foi chamado ao Palácio do verno, onde Flores da Cunha deu-lhe instruções referentes campanha.

A resposta que o altaneiro comandante deu ao interventor federal, após receber as ordens foi a seguinte: – As ordens que recebo são contra os meus princípios, mas as cumprirei porque sou soldado.

Com o bloqueio do porto de Santos, os paulistas viram-se forçados a cessar a luta, que teve a duração de quase três meses e custou-lhes enormes sacrifícios e vidas preciosíssimas.

Ao efetuarmos essa singela reminiscência da revolução de 1932, lembramo-nos de uma conversa que mantivemos com o coronel Dormelindo de Oliveira, um indômito oficial da Brigada Militar, que participou de inúmeras revoluções e com inestimáveis serviços prestados à corporação, ao Estado e à Nação.

Achava-se o oficial à testa de uma fábrica de laticínios, a Corlag, na cidade de Gramado, onde ilustre casal de paulistas estava veraneando e hospedado no mesmo hotel no qual se achava o coronel Dormelindo.

O convívio entre o casal e o oficial era dos mais cordiais e amistosos.

Num determinado dia, a senhora acercou-se do coronel Dormelindo, interpelando-o: – Não me leva a mal coronel, mas a muito tempo estou para fazer-lhe esta pergunta, que oprime o meu coração. Quando da revolução paulista, de que lado estaca o povo gaúcho?

E a resposta que recebeu: – o povo gaúcho estava completamente do lado de São Paulo.

Quando o coronel Dormelindo nos contou este episódio, os seus olhos estavam marejados de lágrimas.

Mas como afirmou tão acertadamente o coronel Antero Marcelino da Silva, na oração fúnebre, quando do enterro do coronel Apparício Gonçalves Borges:

– Desgraçadamente, no Brasil, as posições de mando são galgadas sobre cadáveres e a popularidade dos pró-homens, a popularidade efêmera e fugace, filha do egoísmo e da vaidade, é conquistada à custa do sangue generoso dos humildes, da viuvez miseranda e desolada e da orfandade negra e dolorosa.

E referindo-se à Brigada Militar:

– Encastelada na sua irredutível lealdade, no seu acendrado espírito de sacrifício, no zeloso empenho pelo cumprimento do dever, no incomparável brio militar dos seus soldados, a milícia rio-grandense aceita, resignada e fielmente, sem queixumes nem recriminações, todos os sacrifícios que lhe impõem. Lá está ela, em todas as linhas de frente, combatendo heroicamente e derramando o sangue generoso de seus soldados.

Irrompe a Revolução de 32

Com destino à Santa Maria

Na Chácara das Bananeiras, no arrabalde do Partenon, de Porto Alegre, fica situado o quartel do 1º Batalhão de Caçadores da Brigada Militar.

Em sua frente está um amplo campo, no qual se realizam as instruções físicas, ordem unida, bem como as demais competições atléticas e desportivas.

No fundo do quartel, estende-se um bosque de eucalipto e logo atrás, levanta-se o Morro da Polícia, cujo cume oferece-se ao viandante um panorama encantador, cheio de luz e cor, da Capital do Rio Grande do Sul.

E uma manhã nebulosa de inverno.

Diante do Batalhão para um automóvel, do qual desembarca um oficial.

O corneteiro dá o toque de "Comandante" e a guarda forma, apresentando-lhe "Armas".

– Quem é aquele homem que saiu do auto? pergunta um pequeno vendedor de balas a um soldado.

– É o tenente-coronel Apparício Gonçalves Borges, o comandante deste Batalhão.

O garoto contempla com admiração o garboso comandante que possui um porte imponente, e cujo olhar escuro irradia energia e bondade ao mesmo tempo. – Por que está de luto? ele continua a indagar, mostrando o braço esquerdo do oficial.

– A sua esposa faleceu. É a resposta que recebe.

O oficial acaba de entrar no quartel. – Bom dia comandante! saúda-o o capitão Saturnino Cavalheiro Ramos.

– Bom dia! responde o Comandante e pede: – Reúna todos os oficiais em meu gabinete!

No gabinete, ele depara com o major Camilo Diogo Duarte que, sentado numa poltrona, lê os jornais do dia.

– Ah, o major já chegou! Então como vai esta força? Com vontade de ir para o front? E dá-lhe um forte abraço.

Dirigindo-se à parede, o Comandante tira uma folha da folhinha que fica marcando 2ª feira, 11 de julho de 1932.

Os oficiais estão chegando.

– Vou lhe apresentar a oficialidade, major! Tudo gente valente.

O Ten Cel Apparício faz a apresentação: – O major Camilo Diogo Duarte veio assumir a fiscalização de nossa unidade. Aqui estão os capitães Saturnino Cavalheiro Ramos, João Tácito dos Santos, David de Oliveira Rego e Nicomedes Moreira Roehring. Agora vêm os 1ºs tenentes Lademiro Corrêa e Nilo Silveira Neto. Este que lhe apresento agora é a cura tudo, o nosso médico Dr. João José Ribeiro Filho. E a vez dos 2ºs tenentes: Antônio Ferreira da Costa, João Guilherme Benites, Arisoli Fagundes, Francisco Flores Vieira,

Olegário Diogo Duarte, Isaack Ferreira Peres, Fioravante Ferreira da Silva, Alfredo Gomes Jacques, Lourival Rodrigues Sobral, Lahir Fernandes Marques, Gomercindo Silva e Januário Dutra.

Após a apresentação, o Comandante segue para atrás da escrivaninha: – Senhores, ele diz, – Em cumprimento à ordem recebida do exmo Gen. Interventor do Estado, o 1º Batalhão de Caçadores, de meu comando, embarcará hoje com destino à Santa Maria, onde receberá novas ordens.

Ele fez um pequeno intervalo e continua: – Como é do conhecimento dos senhores, na manhã de 9 para 10 irrompeu em São Paulo um movimento revolucionário.

Dirigindo aos comandantes de companhias e do pelotão de metralhadoras pesadas, ele continuou: – Os senhores me entreguem, com a máxima urgência, mapas discriminativos de seus efetivos em oficiais e praças e tomem todas as providências para que o embarque se possa efetuar o quanto antes!

Às 21h30 min inicia-se o embarque do Batalhão, com um efetivo de 359 praças, em duas composições de trens.

A estação da Viação Férrea está repleta de amigos e familiares aos militares que embarcam.

O Ten Cel Apparício palestra animadamente com o Comandante Geral da Brigada Militar, cel. João de Deus Canabarro Cunha e com seus colegas, coronéis Antero Marcelino da Silva, Agenor Barcelos Feio, Aristides Krauser do Canto e Cândido Pinheiro de Barcelos, quando lhe vêm apresentar as despedidas os capitães Otelo Frota e Osório Tuiuti de Oliveira Freitas e os Drs. Euclides Aranha e Luiz Flores da Cunha.

Num dos cantos da gare, está o tenente Arisoli Fagundes, em companhia de sua jovem esposa e, um pouco mais adiante, o cabo corneteiro Timóteo Alves e o soldado Ercias Anes contemplam silenciosamente o movimento da estação.

De repente o soldado Ercias puxa a manga da túnica do corneteiro e pergunta: – Vancê não tem guria?

– Prá quê? Prá me incomodar?

– Tô veno tudo que é reclusa com muié! Só nós dois temo Solito da silva!

– Minha namorada é a corneta! responde o corneteiro.

– Deve ser bonito a gente tê arguém prá se despedi! A gente podia dá um bom abraço e um beijinho e a guria ficava atucanada e esperava louquinha pela nossa vorta!

– Grande coisa! diz o corneteiro com desdém. – E depois?

– Ah, depois se dava aquela água! Quando nois vortá semo sargento e então pudemo se casá!

– Você está falando em sargento, e você nem cabo é! Eu sim, posso voltar como sargento, porque já sou teu superior, mas tu, quando muito, podes subir para cabo!

– Também já chega. Já dá prá gente se juntá!

O capitão Rego vem passando e o corneteiro, fazendo continência, chega perto dele: – Capitão, dá licença?

– O que há?

– O senhor dá licença que eu toque Silêncio, lá no meu vagão, quando o comboio se puser em movimento?

– Pode tocar, diz o capitão e pergunta paternalmente: – Mas por que você quer tocar logo Silêncio?

– E um toque tão bonito, meu capitão! Enquanto nós vamos seguindo, os sons nostálgicos vão ficando como recordação do nosso Batalhão.

– Vancê só sabe tocá coisa que fais a gente chorá! Prá que vancê não aprende a tocá um maxixe neste seu clarim?, pergunta o Ercias, tirando uma gaitinha de boca do bolso e executa um samba.

Depois abre o seu cantil e toma um forte gole: – como esta bebida vais oferecê um trago ao corneteiro, que recusa água, que dos passarinhos só ele mesmo bebe.

O Ten Cel Apparício ainda está palestrando com seus amigos, quando vê chegar sua irmã, em companhia do cunhado, que vem trazer seus filhos Horalda, Norma, Regina, Geraldo, Asthúr e Horácio.

Alegremente ele cumprimenta todos e levanta, um por um, beijando-os ternamente.

– Papai, quando o senhor volta? pergunta uma das meninas.

– Dentro em breve! ele responde e recomenda: – Vocês devem ser bem obedientes aos tios e não esquecer de rezar, todos as noites, para a mamãezinha que está no céu, pelo papai, pelos tios e por todos os soldados!

– Eu rezo! diz a menor. – Eu também, eu também! gritam os outros, enquanto um pergunta: – Papaizinho, o senhor me vai trazer alguma coisa?

– Um brinquedo bem bonito para vocês todos. Agora me dão um abraço bem forte e vão dormir com os titios!

Uma das meninas está com lágrimas nos olhos: – Papaizinho leve-me junto consigo! ela pede.

– Mas veja só esta menina! Chorando! Filhinha, tu não sabes que filha de soldado não chora? e tirando o lenço do bolso, enxuga-lhe as lágrimas. – Mamãezinha está no céu e vela por nós, filhinha! Qualquer dia nós nos reuniremos a ela. Não chores mais!

Aos 40 minutos do dia 12 põe-se em movimento a primeira composição e uma hora depois segue a segunda.

O corneteiro Timóteo, na plataforma do carro, onde está aloja da sua companhia, toca Silêncio, enquanto o trem vai se afastando.

Ele põe toda sua alma neste toque, que até o soldado Ercias fica todo arrepiado e confessa com toda a sinceridade: – Vancê Timóteo! Vancê quando toca, fais a gente se alembra da última horinha e a gente fica cum uma vuntade de rezá um padre nosso.

Uma Fé de Ofício

Brilhante em Ensinos

No carro de comando, o Ten Cel Apparício, encostado numa poltrona, retira de uma pasta um maço de papéis. A papelada, escrita à máquina de escrever, é a cópia de sua fé de ofício e, na primeira página consta: *Apparício Gonçalves Borges, nascido a 26 de agosto de 1893 em Restinga Seca, no estado do Rio Grande do Sul.*

Ele folheia a página seguinte: *Em 30 de maio de 1911 foi incluído no estado efetivo do 1º Batalhão de Infantaria e na 1ª companhia, para servir pelo tempo de 5 anos, como recruta no ensino.*

Diante dos seus olhos, revive uma cena do passado. Ele tinha 18 anos quando ingressou na Brigada Militar. Naquele tempo, o 1º Batalhão achava-se à rua 7 de Setembro, aos fundos do Quartel General. Hoje estava com 39 anos de idade, pertencendo, pois, há 21 anos à força pública.

Continuando a folhear as páginas, lê:

ANO 1911.

A 9 de julho passou a pronto da instrução de recrutas. A 3 de agosto foi matriculado na Escola Regimental. A 14 de setembro foi promovido ao posto de cabo de esquadra. A 8 de novembro foi promovido ao posto de furriel, por ter alcançado o primeiro lugar no exame a que se submeteu.

ANO 1912.

A 19 de março foi promovido ao posto de 2º sargento. A 26 do mesmo mês foi louvado pelo Sr. Comandante Geral pelo asseio, garbo e disciplina com que se apresentou na revista em ordem de marcha, passada pelo senhor Presidente do Estado, no dia 25. A 6 de novembro marchou com o batalhão em serviço de manobras para São Leopoldo, acampando em Caldoro. A 13 regressou, sendo louvado a 14 pelo modo altamente digno com que se houve durante o período de manobras.

ANO 1913.

A 2 de fevereiro foi promovido ao posto de 1º sargento. A 29 de setembro foi declarado ter sido aprovado no exame prático que prestou para o posto de alferes, A 17 de novembro foi nomeado alferes. A 21 foi classificado no 1º Regimento de Cavalaria e no primeiro esquadrão. A 27 marchou com o Regimento em serviços de manobras, para a Invernada de Gravataí e acampou nos campos do Cortume. A 8 de dezembro regressou.

ANO 1914.

A 16 de novembro seguiu para a Capela de São Pedro, município de Vacaria.

ANO 1915.

1º de janeiro foi louvado pelos bons serviços prestados ao Regimento, nas diversas diligências, em que tomou parte no decorrer do ano de 1914. A 15 de abril marchou com o Regimento da Capela de São Pedro para esta Capital, onde chegou a 21. A 29 foi louvado pelos bons serviços prestados durante o tempo em que o Regimento esteve em expedição no município de Vacaria. A 1 de outubro seguiu com o Regimento para a vila de Rosário, onde acantonou. A 16 continuou a marcha, transpondo o Cerro do Caverá e acampou no Passo do Cerrito, município de Santana do Livramento. A 3 de novembro regressou para Rosário, onde acantonou. A 9 de novembro foi louvado pelos bons serviços que prestou durante a marcha do Regimento pela fronteira do Estado. A 23 foi nomeado para exercer, interinamente, o cargo de Secretário. A 1º de dezembro foi dispensado do referido cargo, sendo louvado pela solicitude, inteligência e lealdade, com que se houve no desempenho do referido cargo.

ANO 1916.

A 3 de fevereiro foi nomeado, interinamente, o cargo de Secretário. Na mesma data foi transferido para os Serviços Auxiliares. A 8 foi louvado pela conduta e inteligência no desempenho dado aos vários encargos que lhe foram cometidos, ficando o Regimento privado de um concurso leal, dedicado e solícito, com a sua inesperada transferência. A 15 foi nomeado para comandar a força à disposição da Chefatura de Polícia.

ANO 1917.

A 27 de dezembro foi louvado pelo bom desempenho dado às funções de seu cargo.

ANO 1918.

A 3 de junho foi dispensado, a pedido, do cargo de comandante da força à disposição da Chefatura de Polícia e transferido para o 1º Batalhão de Infantaria, sendo incluído no estado efetivo da 4ª companhia. A 26 de novembro foi louvado pelo auxílio que prestou na mudança do Batalhão para a Chácara das Bananeiras, concorrendo no sentido de ser a mesma feita com a maior rapidez e boa ordem e, ainda, pelo interesse que demonstrou pelo bem-estar das praças doentes no quartel, em domicílios particulares e no alojamento do Grupo de Metralhadores, atacadas de epidemia de 'Influenza Espanhola.

Ano 1919.

A 17 de maio foi nomeado para comandar a seção de metralhadoras. A 13 de setembro foi louvado pela maneira proveitosa com que dirigiu a turma de praças que lhe foi confiada, para concurso de levantamento expedido, organizado entre as companhias e a seção de metralhadoras. A 8 de novembro assumiu interinamente as funções de Diretor da Escola Regimental.

ANO 1920.

A 16 de abril foi dispensado dessas funções. A 24 de dezembro foi louvado pelo auxílio inteligente e eficaz prestado ao seu comandante de companhia, durante o referido ano de instrução.

ANO 1921.

A 10 de março passou a exercer o cargo de quartel-mestre do Batalhão. A 21 foi transferido para a 4ª companhia, por conveniência do serviço.

ANO 1922.

A 3 de janeiro foi dispensado das funções de quartel-mestre, sendo louvado pelo zelo, dedicação e lealdade com que se houve, sempre no desempenho dessas funções.

ANO 1923.

A 15 de fevereiro embarcou com o Batalhão para o interior do Estado. A 17 chegou a Passo Fundo e acantonou à margem direita do rio do mesmo nome. A 19 passou a fazer parte da coluna expedicionária da Brigada Militar, sob o comando do ten., Cel. Claudino Nunes Pereira, a fim de expedicionar para Nonoai, que se achava em poder dos bandoleiros. Em datas sucessivas bivacou nos seguintes lugares: Bugre Morto, Capão da Raia, na fazenda de Sarandi; Rondinha, Barro Preto, Bugre (9º distrito de Palmeira). A 13 de maio seguiu, em expedição, com sua companhia para a colônia Xingu, regressando no dia 5. A 6 foi desligado com o Batalhão da coluna expedicionária, sendo louvado e agradecido pela excelente conduta e valioso concurso demonstrado para o êxito da missão. Na mesma data retrocedeu com destino Passo Fundo, bivacando na estância Sarandi. A 16 embarcou com o Batalhão para esta Capital. A 19 embarcou, novamente, com o Batalhão para o interior do Estado, chegando em Bento Gonçalves, onde bivacou à margem esquerda do rio das Antas. A 20 foi promovido ao posto de tenente. Na mesma data bivacou na vila de Alfredo Chaves e, em datas sucessivas, nos lugares: Capoeiras, André da Rocha, Turvo, Serrinha, Lagoa Vermelha, Rio Forquilha e Três Pinheiros. A 31 bivacou em Teodorinho, sendo incluído no estado efetivo da 3ª companhia. A 1º de abril bivacou nas proximidades do rio Ligeiro. A 2 acantonou no povoado Formigas. A 3 acampou na vila Erechim. A 6 embarcou com o Batalhão e acampou na margem direita do rio Passo Fundo. A 7 embarcou com o Batalhão para Santa Maria. Na mesma data passou com o Batalhão a fazer

parte da 2ª Brigada do Oeste. A 13 acampou à margem esquerda do rio Saican. A 15 embarcou com o Batalhão para Alegrete, bivacando na Estação Passo Novo, A 16 depois de ter tiroteado com seu pelotão dois piquetes de bandoleiros, bivacou na ponte Jararaca. A 17 acantonou com o Batalhão em Alegrete. A 24 assumiu, interinamente, o comando da 3ª companhia. A 10 de maio embarcou com o Batalhão à estação de Itapei. Na mesma data seguiu com a 30 companhia. Em serviço especial, para Guará. A 2 incorporou-se ao Batalhão seguindo para Alegrete, onde acantonou. A 7 seguiu para Guará, 8 bivacou na estação Santa Rita, aquartelando a 9 na cidade de Santana do Livramento. A 10 de junho foi declarado ter sido aprovado no exame prático que prestou para o posto de capitão. A 5 foi dispensado do comando da 3ª companhia, sendo nomeado para exercer as funções de ajudante do Batalhão. A 6 seguiu em diligência para a Coxilha Negra, regressando no dia seguinte. A 9 de agosto embarcou com o Batalhão, bivacando na estação Entroncamento e a 12 na estação Umbu. A 16 foi louvado pelo zelo e muita dedicação, com que sempre auxiliou o comando do Batalhão para a boa marcha do serviço e desempenho da missão confiada ao mesmo, suportando com estoicismo as inclemência e privações das jornadas em longas e penosas marchas. A 17 acampou na cidade de São Gabriel. A 21 foi dispensado de exercer as funções de ajudante do Batalhão, sendo louvado pelos bons serviços prestados nessas funções. A 30 bivacou na estação Ibaré; a 31, na de São Sebastião; a 2 de setembro, na vila do Rosário e a 3 na estação Paloma. A 7 tomou parte nas operações do Batalhão, a fim de evitar que a coluna revolucionária de Honório Lemos transpusesse o Passo do Salso, em Paloma. A 9 acantonou na cidade de Alegrete. A 30 seguiu com sua companhia para a cidade de Bagé, em serviço especial, regressando na mesma data. A 1º de outubro embarcou com o Batalhão, a fim de bater a retaguarda da coluna revolucionária de Honório Lemos. Nas proximidades da estação Jacaquá. A 2 chegou a esta localidade e atacou com sua companhia imediatamente o adversário, com o qual manteve intenso fogo durante várias horas, obrigando-o a abandonar as posições e desbaratando-o. Na mesma data retrocedeu para Alegrete, onde acantonou. A 3 foi louvado pela exata compreensão de seus deveres militares, pelo denoto, dedicação e bravura, com que enfrentou os inimigos das ordens e das leis não vacilando um só momento na execução das ordens emanadas do Comandante do Batalhão. Em datas sucessivas, bivacou e acantonou em Itaqui, São Borja, Uruguaiana, Alegrete, Cacequi e São Gabriel. A 27 foi nomeado para exercer as funções de ajudante do Batalhão. A 28 bivacou em Cacequi e, nos dias seguintes, em Rosário, Corte, donde voltou para Alegrete, onde acantonou. A 3 de novembro embarcou com o Batalhão com destino a Porto Alegre.

ANO 1924.

A 14 de janeiro foi louvado em nome do senhor presidente do Estado pela atividade, abnegação, lealdade e valor com que se conduziu durante o

período revolucionário, de janeiro a novembro de 1923, revelando completa compreensão de seus deveres militares.

Enquanto o trem prossegue na marcha, o tenente Arisoli está com a fotografia de sua esposa nas mãos contemplando-a com ternura.

Muitos oficiais e praças já estão dormindo, enquanto outros lêem jornais ou jogam moinho e dama.

O Ten Cel Apparício continua lendo seus assentamentos militares:

A 9 de julho de 1924 foi designado para servir como ajudante do 1º Batalhão de Caçadores, organizado para o fim especial de cooperar na defesa da ordem e das leis no território nacional, à disposição do Governo Federal. A 12 foi incorporado a um destacamento de tropas estaduais e federais da 3ª Região Militar, sob o comando do cel. do Exército Ataliba Taurino Resende. A 13 embarcou com o grupo do Batalhão de Caçadores, no vapor Itaubá, com destino ao norte do País. A 18 chegou ao porto de Santos, sendo desligado do destacamento Resende, por terem desembarcado as tropas federais. A 19 chegou ao Rio de Janeiro, seguindo para a Vila Militar, onde aquartelou no 2º Regimento de Infantaria. A 21 embarcou com o Grupo para o teatro das operações na capital do Estado de São Paulo. A 22 chegou à estação Guaiúna, onde desembarcou, seguindo para a Vila Gardin, subúrbios da capital Paulista. Na mesma data foi incorporado à Divisão de Operações no mesmo Estado. A 23 ficou à disposição da Brigada Florindo, a fim de substituir, em primeiro escalão, O 12º Regimento de Infantaria Na mesma data iniciou o deslocamento, ficando ao sul do cemitério do Alto da Moca. A 28 acantonou no Hipódromo, em virtude de deter o inimigo evacuado a capital sob a pressão das armas legais. Na mesma data foi louvado pelo comando do Grupo pela eficaz e inteligente cooperação no desempenho de suas funções demonstrando sempre muito valor, dedicação, bravura e ação fletida em todas as ordens e missões que lhe foram confiadas. A 29 embarcou com o Grupo para o interior do Estado, em perseguição aos rebeldes, incorporado ao Destacamento Misto de Operações sob o comando do cel. Pantaleão Teles Ferreira, chegando a 31 a vila de Boituva, continuando, no dia seguinte, viagem para Itapetininga. A 2 passou com o grupo à disposição do gen. Azevedo Costa, comandante do Destacamento Sul, continuando viagem para Jaguaraiava, atingindo Afonso Camargo, ponto terminal do ramal férreo Paranapanema, onde acantonou no dia 4. A 6 foi promovido ao posto de capitão. A 15 seguiu com o comandante do grupo para a região de Ourinhos a fim de completar os reconhecimentos, regressando no dia seguinte. A 17 seguiu com o grupo para a estação Vitória. A 20 foi declarado ter passado a fazer parte da Brigada Alvaro Lena, deslocando-se a 21 com o grupo para Salto Grande, a fim de incorporar-se àquela Brigada. Na mesma data foi louvado, em nome do senhor Presidente da República, pela fé demonstrada, e qual por inquebrantável bravura, salvou a República, para orgulho da nossa raça, da ignomínia dos traidores do dever

militar e da honra nacional. Nos dias seguintes passou por Palmital e Cardoso de Almeida. A 26 seguiu com o Batalhão, em marcha de estrada, para a Estação Paraguassu, onde acampou. A 30 atingiu João Ramalho, deslocando-se a 1º de setembro para Presidente Prudente. Na mesma data foi declarado que desta localidade em diante, passaria a fazer parte da Coluna da Direita, sob o comando do gen. Azevedo Costa. A 3 atingiu Alvaro Machado. Na mesma data foi louvado, em nome do cel. Américo de Abreu Lima, pelo modo leal e dedicado com que se houve no desempenho de suas funções durante o tempo em que serviu sob o seu comando. A 4 deslocou-se com o Batalhão, em marcha de aproximação, para Santo Anastácio, onde se achava a coluna rebelde, fortemente entrincheirada. Na mesma data chegou a essa localidade tomando por termo final a ação. A 7 continuou a marcha, atingindo presidente Venceslau, prosseguindo, no dia seguinte, para Presidente Epitácio, na costa do rio Paraná, pelo qual desceram os Ñbeldes em embarcações improvisadas. A 13 retrocedeu com o Batalhão para Santo Anastácio, onde chegou a 15. A 18, em virtude de ter sido dissolvida a Coluna de Operações do Sul, iniciou com o grupo a marcha de regresso ao seu Estado. A 20 foi louvado, em nome do cel. pantaleão Teles Ferreira, pela noção nítida do cumprimento do dever, pela inteligência, capacidade profissional e espírito de disciplina, que demonstrou no exercício de suas funções. A 30 foi dispensado do serviço do Governo Federal. A 10 de outubro, em virtude da dissolução do Grupo de Batalhão de Caçadores, foi louvado pelo comandante do mesmo Grupo, pelo auxílio prestado à administração nas funções de seu cargo, durante a expedição. A 23 foi classificado no 3º Batalhão de Infantaria, como comandante da 1ª companhia. A 26 de dezembro passou a servir no Destacamento em organização, sob o comando do Ten Cel Emilio Lúcio Esteves. Na mesma data seguiu para Santo Ângelo. A 29 foi nomeado assistente do referido Destacamento. A 30 iniciou a marcha com o Destacamento em perseguição aos rebeldes, bivacando em Santa Teresa e, nos dias seguintes, na estação Rio Branco e no lugar denominado Galpões.

ANO 1925.

A 2 de Janeiro bivacou na Ramada. A 3 tomou parte no combate dessa localidade, bivacando no Passo da Divisa. A mesma data foi louvado pelo comandante do Destacamento pelos inestimáveis serviços que lhes prestou durante o referido combate, reafirmando o seu valor, aliado a uma calma, que muito o recomenda. Nos dias seguintes bivacou em Carretão, São Jacó, Santa Augusta, Campo Novo, na Boca da Picada, que conduz ao Alto Uruguai e Campo Novo. A 16 de abril, ao ser dissolvido o Destacamento do Ten Cel Esteves, foi louvado pelo seu comandante pelas suas conhecidas virtudes militares, que o colocam em brilhante destaque pela robusta inteligência, dedicação, capacidade de trabalho e pelo cabal desempenho das funções de seu cargo. A 23 assumiu o comando de sua companhia. A 29 de maio foi louvado pelo sr. Comandante Geral pela lealdade, boa vontade com que vem

desempenhando o comando de sua companhia, aliadas aos bons serviços prestados na última campanha revolucionária, como assistente do Destacamento do Ten Cel Esteves, tendo cumprido o seu dever e se mostrado digno depositário das tradições de honra e de heroísmo da Brigada Militar.

A composição para numa estação e a máquina é reabastecida de água.

O comandante Apparício nem nota esta parada e continua aprofundado na leitura dos assentamentos.

A 14 de dezembro de 1925 passou a servir à disposição do Governo Federal, embarcando a 22, com o Batalhão, para o norte da República, a fim de operar contra os rebeldes. A 28 chegou ao Rio de Janeiro, prosseguindo viagem no dia seguinte.

ANO 1926.

Chega a 6 de janeiro de 1926 ao porto de São Luiz do Maranhão, onde desembarcou. A 19 passou a servir com sua companhia isoladamente a disposição do gen. Comandante das forças em operações no da República. A 1º de fevereiro embarcou com sua companhia, no vapor Miruaca, com destino ao Ceará, chegando a 4 em Fortaleza onde desembarcou, seguindo de trem, no dia seguinte, para a estação Baixio. A 6 foi classificado adjunto da Assistência do Material, continuando porém, a servir adido ao 3º Batalhão de Infantaria, durante a expedição. A 7 chegou a São João, no Estado da Paraíba, marchando a cavalo para São João de Souza, a fim de impedir a passagem dos rebeldes para o sul. A 10 foi incorporado ao Destacamento Otacílio Fernandez, deslocando-se para Cajazeiras e bivacando, em dias sucessivos, em São José de Piranhas, Cabras, Bonito, Fazenda José Dungas, Cepaúba, Genipapo, Caldeirão de Areia, Umburama, Triunfo, no estado de Pernambuco; Vila Bela, Barra. Malha Grande, São Francisco, Paus Pretos, Roça Velha, Cipós, Passo de Pedras, para atingir, a 1º de março, Paripau, donde se deslocou para Mulunger e bivacando em Floresta, Paca Redonda e Belém de Babrabó. A 6 passou a fazer parte do Destacamento Costa Neto, sendo desligado do Destacamento Otacílio Fernandez. Nos dias seguintes continuou a marcha, bivacando na margem esquerda do rio São Francisco, uma légua além da vila Chorachó, São José da Lagoa, Taboleiro Grande, Bom fim, Patamute, Fazenda Vitória, Vila Mauá, Travessa, Teu, Lajeado, Pavilhão do Campo do Meio, seguindo a 22 por via férrea, para a estação da França. A 23 continuou a marcha a cavalo, bivacando em Laginha, Fazenda Saú, Ventura' Morro do Chapéu, Camobrorinha, Lagoinha, donde retrocedeu a 2 de abril para Morro do Chapéu e seguindo daí para Destaque, bivacando, depois no lugar João Pereira, Riachão, Vagner, Ponte Nova, Mocó, Lenções, Piarras, margem do rio Roncandor, Andaraí, Mucambo, Itaeté. A 19 seguiu por via férrea para São Félix. A 20 embarcou na cidade de Cachoeira, no vapor Santo Amaro, seguindo para São Salvador, onde bivacou. A 21 acantonou no antigo quartel

de São Joaquim. A 23 foi louvado pelo Comandante do Destacamento pelas virtudes que contestam o valor militar, revelados pela abnegação, tenacidade e resignação admiráveis, com que cumpriu seu dever, com honra e patriotismo, nos inóspitos sertões do norte brasileiro, tornando-se digno de admiração e consideração do senhor Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, do sr. Comandante Geral da Brigada Militar e do Comandante do Destacamento Expedicionário, por conduta tão nobre, quão elevada, no período difícil e penoso, por que vinha atravessando o País. A 24 embarcou no transporte de guerra Cuiabá, com destino ao Rio Grande do Sul, chegando ao porto do Rio de Janeiro a 1º de maio. A 8, ao ser dissolvido o Destacamento Costa Neto, o seu comandante assim se expressou: E com muito prazer que destaco os serviços prestados pela companhia Capitão Apparício Gonçalves Borges, oficial disciplinado, portador de fina educação civil e militar, sempre pronto para executar todas as ordens que lhe foram transmitidas. Enfrentou ele todas as dificuldades encontradas em nossa penosa marcha, com abnegação própria de quem comanda com proficiência". A 26 chegou a Porto Alegre. A 7 de junho, data da dissolução do Destacamento da Brigada Militar que operou no norte da República, foi louvado pelo Comandante do Destacamento, em nome do sr. Comandante da 3ª Região Militar, pelos relevantes serviços prestados em defesa da ordem e das leis, contribuindo com resignação e bem pronunciado espírito de sacrifício para o bom desempenho da árdua missão confiada ao referido Destacamento, agindo de modo a elevar bem alto o já glorioso nome da Brigada Militar e do Rio Grande do Sul; sendo também louvado pelos bons e relevantes prestados ao Destacamento, tendo sempre, quando agido isoladamente com sua Companhia, demonstrado muito critério. A 10 foi desligado ao 3º Batalhão de Infantaria, tendo o Comandante desse Corpo assim se expressado: "E com elevado prazer que consigno meus agradecimentos a tão distinto camarada, pelos leais serviços que prestou a esse Corpo, onde granjeou muitos amigos, pelos dotes de fina educação, excelente camaradagem e pronunciada exatidão em seus atos de oficial brioso e digno da nossa farda". A 16 assumiu as funções de ajudante da resistência do material. A 26 de agosto foi declarado ter-se inscrito para prestar exame para o posto de major. A 29 de setembro foi declarado ter sido aprovado com grau 8,5 no exame prático que prestou para o posto de major.

ANO 1927

sem alterações.

ANO 1928

sem alterações.

ANO 1929

sem alterações.

ANO 1930.

A 10 de outubro foi promovido ao posto de major, por merecimento. A 13 foi classificado no 4º Batalhão de Infantaria, como fiscal. Na mesma data foi comissionado no posto de tenente coronel para comandar o 3º Batalhão de Infantaria de Reserva. A 22 de dezembro passou a servir adido ao Estado Maior. A 30 passou a responder pelas funções de Assistente do Material.

ANO 1931.

A 1º de janeiro foi louvado pelo Comandante Geral da Brigada Militar, em nome do ilustre General Flores da Cunha, Interventor Federal neste Estado, pelo modo solícito como se conduziu na jornada de 3 de outubro último, quando estalou o movimento revolucionário nesta Capital; embora não tomando parte direta na ação combativa, no afanoso serviço de mobilização que seguiu, no qual prestou valioso concurso a este comando, no qual no desempenho das funções de adjunto de Assistente de Material e mais tarde, na organização e mobilização do 3º Batalhão de Reserva, de seu comando, que a 24 de outubro, data em que terminou a revolução com a queda do Governo Central, já estava em situação de marchar para o campo de luta no Estado de São Paulo, revelando capacidade de trabalho, valor, tino administrativo e exata noção do cumprimento do dever, já comprovados em campanhas anteriores. A 7 de agosto foi classificado no 1º Batalhão de Infantaria, como Comandante. A 1º de outubro assumiu o comando daquele Batalhão. Na mesma data foi desligado de adido do Estado Maior da Brigada Militar, sendo louvado pelo sr. Comandante Geral, pela inteligência, dedicação, zelo e capacidade de trabalho, com que desempenhou o cargo de adjunto do Assistente do Material, durante vários anos, sendo notável a lisura, honestidade e lealdade evidenciadas mormente em várias ocasiões.

ANO 1932.

A 14 de maio foi designado para ficar à disposição do sr. Ministro da Hungria, durante sua permanência dentro deste Estado. A 22 deixou de estar daquele Ministro e assumiu o Comando do Batalhão.

Na Estação de Restinga Seca

Lembranças e Saudades

Às 14h50min do dia 12, o Batalhão atinge a Estação Restinga Seca, onde é preparado o almoço.

O Ten Cel Apparício aproveita a oportunidade para rever o lugar do seu nascimento e que há muitíssimos anos não mais visita.

Após palestrar com vários moradores, ele se dirige ao pequeno cemitério da localidade.

A natureza está envolta em uma paz profunda e embebida de um perfume delicioso de pessegal em flor.

Os seus pensamentos se desprendem nessa solidão da terra e remontam às alturas; surgem-lhes lembranças de tempos idos e na sua fantasia emergem quadros suaves da infância, da adolescência – ele vê pessoas amadas e queridas e se sente como que arrastado por uma corrente impetuosa para o infinito, para o espiritual, onde ressoam melodias de uma ouverture grandiosa e divina.

E, enquanto seus pensamentos vagueiam nas alturas, uma grande saudade se apossa de seu coração.

Ele está com saudades – com saudades imensas da esposa adorada.

Na torre da igreja bimbam festivamente os sinos. Ele se encontra com a noiva Antonieta diante do reverendo, que os declara marido e mulher.

O quadro dissipa-se e outro desenrola-se ente seus olhos.

Cheia de ternura e alegria está a mamãezinha ante o berço da recém-nascida. Contempla sua cabecinha, os cabelos de seda, as mãozinhas delicadas e rosadas. Ela vela, noite adentro junto ao bercinho e, enquanto embala a pequena, canta baixinho doces canções de ninar.

A filha cresce, começa a ensaiar os primeiros passos, balbucia as primeiras palavras. Que felicidade a mãezinha e ele sentiram ao ouvir as primeiras palavras, que para eles encerravam um pequeno paraíso: ma-má – pa-pá.

Os anos passam, vêm outros filhos e o amor entre os cônjuges cada que dia passa aumenta sempre e cada vez mais.

No céu se condensam, de repente, negras nuvens; relâmpagos cruzam os ares: uma tempestade horrível começa a desabar. Quando os filhos mais necessitavam da mãezinha; quando ele mais idolatrava a esposa – a morte a arrancou dos seus braços.

Em todos os tranSES da vida, nunca sofreu tamanha dor com naquele dia.

Desde então usa luto e espera o momento de se reunir à bem-amada.

Nesta hora silenciosa da tarde, longe do bulício do mundo, ante os túmulos dos antepassados, o Comandante faz uma prece em prol da felicidade da esposa, dos filhos e dos valentes soldados do seu Batalhão.

Quando volta à estação encontra o almoço pronto.

...Na porta de um rancho, diante de uma grande chácara, os soldados Ercias Anes e António Francisco de Souza, que também foram dar uma voltinha, vêem uma morena gorda e formosa.

– Eta cabocla do meu rincão! Tô cum vuntade de dá uma prosa com ela!" diz o Ercias.

– Eu garanto que você não fala! responde António. – Você tem Medo!

– Medo de muié? Quem foi que disse? Eu falo; qué vê? E bate palmas, diante da cerca e chama: – ô do rancho!

A cabocla com um lenço vermelho atado nos cabelos, corre junto a eles: – Vassmecês me chamaram? indaga.

– Eu vim pedi vancê me trazê um poco d'água. Pode sê?

– Pois não! responde ela e corre em direção ao rancho.

– Vancê viu? Falei ou não falei? pergunta vitoriosamente o Ercias.

– Ora, pedir água todo mundo pede. Quero ver vancê lhe fazer uma declaração de amor!

– Psiu, fala baixo home, que lá vem ela!

A cabocla volta e oferece uma caneca ao Ercias. Este a conserva nas mãos: – muito brigadinho, minina e procura febrilmente assunto para continuar a conversa.

– Mas vassmecê não bebe! ela exclama.

– Não bebo memo! Não tô cum sede!

– Mas prá que vassmecê pediu água? – Eu quiria falá com vancê!

– Falá? O que? Ela pergunta admirada.

– Ele lhe quer dizer, que se agradou de si! ajuda Antônio. – E isso mesmo continua o Ercias. – Eu vim passando e dei cum meus óios, que a terra há de cumê, em vancê. Cumo nós vamos simhora e como vancê é do meu tipo...

– Chi quantos e! Desembuche logo o que você traz na cachola! incita Antônio.

– Eta porquera! Não te mete na conversa! O Ercias dá-lhe a caneca: – Vá dá uma vortinha, que eu tenho de dá uma prosa em particulá cum a sinhá!

Antônio agarra a caneca e a põe no chão. Depois debruçando-se sobre a cerca, ele diz: – Não vou mais embora. Também fiquei gostando da morena.

– Mais que home impussive! e o Ercias está ficando tiriricas – Sô eu que gosto da muié ou é vancê?

– Sou eu!

– Mintra! Fui eu que a vi primeiramente!

– Fui eu!

Enquanto os dois discutem, a mulher vira as costas e quer se retirar, quando o Ercias levanta a caneca do chão e chama: – Minina, óia a lata!

Ela volta, e ao dar a caneca, Ercias diz: – Não fica emburrecida cum nós! Eu vim só dizer adeus, proque vô prá revolução. Ansirn sei que tenho arguém a se alembirá de mim!

– Qual é o seu nome? pergunta Antônio. – Rosinha.

– O nome de uma frô. E vancê é bunita memo cumo uma frô! exclama o Ercias.

– Não é frô, recruta! é flor! corrige Antônio.

– Meu nome é Ercias. se apresenta o soldado.

– Eu me chamo Antônio. diz o outro.

– Ué, ela não perguntô prô teu nome, home! Vancê não vê que é demais nesta rodada?

Na porta do rancho aparece um homem robusto e forte e grita: – O Rosinha!

– É meu home! diz ela, dando a mão ao Ercias. – Vô mudá a fralda do nenê. Adeus! e sai correndo.

O Ercias fica de boca aberta: – A muié é casada.

– Que baixa você deu derrancho! ri Antônio e continua o caminho.

– Vancê é que disse que gostava dela!"

– Não, foi você!

– Qui mintira! Bucha, que nunca vi home mais mintiroso do que vancê!

E discutindo sempre, os dois se dirigem para a estação.

Num dos vagões de carga, um cabo, rodeado de diversos soldados, está contando um "causo":

– E como estava dizendo, amigos. Chegamos ao local da pescaria, lindo demais e começamos a tirar do nosso fordeco os apetrechos da pescaria, mais as valiosas garrafinhas a branquinha, quando verificamos que tínhamos esquecido o principal: as iscas para os anzóis; Fazer o que agora? Foi quando notamos uma enorme cobra, daquelas não venenosas e que procurava engolir um baita dum sapo. Aquilo foi um verdadeiro achado! Enquanto um segurou a cobra, outro procurou arrancar o sapo. Não foi tarefa fácil, não. Ai me lembrei de despejar um copito de caninha na quele ofídio. Largando o sapo, lambeu os beiços com a língua meio tonta, a serpente foi e arrastando para dentro dum matagal. Ainda estávamos no trabalho de cortar o sapito para as iscas, quando alguém me puxou pela bainha da calça. Olhei para baixo, amigos, vocês não vão acreditar, mas é a pura verdade. Aos meus pés estava a mesma cobra com outro sapo. Depois de colocá-lo no chão, abriu a boca como a implorar por outra dose de cachaça.

De Santa Maria à Estação Bacelar

Na vanguarda das Forças em Operações no Setor Sul

...Às 17h55min, o Batalhão prossegue na marcha, chegando a Santa Maria às 19h50min.

Aos 50 minutos da manhã de 13, após haver o gen. Guilherme Ribeiro Cruz mandado ligar, na primeira composição, seu carro dormitório, o Batalhão continua viagem, chegando às 20h10min do dia 14 em Marcelino Ramos.

A 1 hora da madrugada de 15, a unidade deixa esta estação, chegando às 3h55 min da manhã de 16 em Porto União, no estado de Santa Catarina; continuando viagem às 5h50 min, atinge Ponta Grossa, no estado de Paraná, as 2h50min da manhã de 17 e Sangés, às 19h20min do dia 18.

O general Waldomiro Lima, comandante das Forças em Operações no Setor Sul, se encontra no seu Quafel General improvisado num carro dormitório, em Sangés.

O Ten Cel Apparício Borges apresenta-se, com o Batalhão, àquela autoridade, recebendo, imediatamente, a missão de constituir sua unidade, a vanguarda de toda a coluna, na Linha Sorocabana.

O 3º Regimento de Cavalaria da Brigada Militar e o 8º Batalhão de Infantaria do Exército haviam combatido os rebeldes, que se achavam na defensiva em suas trincheiras diante de Itararé, tendo conquistado aquelas posições. Assim o 1º Batalhão de Caçadores avança, na manhã de 19, sobre Itararé, onde chega às 13 horas.

Em virtude da ordem que recebera do general Waldomiro Lima, o Batalhão se dispõe a fazer a vanguarda da coluna. A marcha continua a ser feita nas composições da ferrovia.

E destacada para frente, a fim de cobrir a unidade, a 1ª companhia, sob o comando do capitão João dos Santos, que aprisiona, nas proximidades da Estação Rio verde, um cabo e um soldado do Batalhão de Polícia de que haviam ficado extraviados após o combate em Itararé.

No dia 20 faz a cobertura a 2ª companhia, sob o comando do capitão David de Oliveira Rego. Quando esta companhia se encontra nas proximidades do km 366, nota a aproximação de uma máquina com três vagões, conduzindo rebeldes, distante uns trinta metros da extrema ponta da companhia, a máquina estaca bruscamente e os rebeldes abrem fogo, havendo aí uma rápida, porém séria escaramuça, deixando o adversário morto no campo da luta um 3º sargento do Corpo de Bombeiros de São Paulo e conduzindo nos carros grande número de feridos, enquanto o Batalhão tem apenas, ferido um soldado.

Às 7h30min de 21, com a 3ª companhia, sob o comando do capitão Nicomedes Roehring na vanguarda, o Batalhão prossegue marcha. Ao atingir o km 358, os elementos avançados principiam a ser hostilizados pelos rebeldes,

que ocupam e procuram defender a Estação Itanguá. O pelotão do tenente Gomercindo Silva, que faz a extrema ponta, por meio de uma manobra bem orientada, recalca o inimigo, que é forçado a abandonar as partes do terreno que pretendia defender.

Desse violento encontro, resulta a morte de um soldado do 2º Regimento de Cavalaria, que junto ao Batalhão, fazia parte do serviço de exploração na vanguarda. O Batalhão ocupa imediatamente a Estação. Às 13 horas do mesmo dia, um avião inimigo bombardeia as composições da tropa, lançando várias bombas, que não atingem o objetivo.

Após a tomada da Estação Itanguá, o Batalhão prossegue marcha, atingindo a Estação Taquari, às 20 horas, onde permanece até a manhã de 22. Pelas 21h30min, os elementos de cavalaria, em extrema ponta, recalcam pelo fogo as patrulhas avançadas do inimigo.

Às 8 horas do dia 22 é reencetada a marcha, a qual é obstada nas alturas do km 348, em virtude de haverem os rebeldes arrancados mais de 60 metros de trilho e furado a bala, a caixa d'água pela 2ª vez aparece a aviação inimiga, que joga 4 bombas sobre a composição, que não atingem o alvo.

Às 17h50 min, depois de consertada a estrada de ferro e a caixa d'água, o Batalhão progride sobre a cidade de Faxina, onde chega às 18h30min.

O dia 23 é consagrado ao longo descanso.

Pela manhã a aviação inimiga bombardeia as composições, sem entretanto causar prejuízos.

Faz um dia muito lindo.

Alguns soldados estão tomando banho num riacho, enquanto outros lavam roupas. Dentro do carro da companhia, o tenente Arisoli escreve uma carta. O corneteiro Timóteo limpa a corneta e o soldado Ercias folheia uma revista, olhando as figuras.

– Vô dá um giro. O Ercias atira a revista para o lado e pergunta: – Vancê qué ir junto?"

– Não. Responde o corneteiro, continuando o serviço.

– Antão inté e o Ercias sai do vagão.

Debaixo de uma árvore, um negro velho tira sons nostálgicos de uma gaita. Alguns soldados o rodeiam e um deles canta:

*Princesinha de um sonho
Duma noite de verão
Teu olhar tão misterioso
Despertou minha paixão.
Teu sorriso que cativa
A beleza invulgar
O teu corpo provocante
Tudo fez eu te amar.
Reinarás eternamente
Em minh'alma e meu ser,*

*Estarás comigo sempre,
Até quando eu morrer*

O comandante Apparício, no vagão do Comando, está palestrando com o major Camilo, e vai até a janela, a fim de escutar a cantiga.

*Sueli a serenata está preste; a findar
Mas a melodia triste
Há de sempre perdurar.
Reinarás eternamente
Em minh'alma e meu ser;
Estarás comigo sempre,
Até quando eu morrer.*

Numa valeta, o Ercias encontra uma bala de grosso calibre que não explodiu. Ele levanta-a no ombro e continua o caminho vê uma roda de soldados que está contando anedotas.

– Oia só o que eu achei! ele grita, atirando a bala para o ar e agarrando-a de novo.

Em menos de um segundo, todo mundo abriu barba, enquanto o Ercias corre atrás deles, perguntando: – Prá quê vancês fogem meninos?

Nisto um paraibano, que serve em um Batalhão do Norte, consulta-o:

– Que é isto que você carrega no ombro?

– É uma bala, responde o Ercias.

– Você quer dá-la para mim? Te deu 5 mangos por ela!

– Vassmecê me dá 5 mil réis?

– Dou! Quero levá-la de lembrança para minha noiva.

O negócio é fechado e o paraibano agarra o objeto.

– Mas é pesada esta bolinha, ele reclama.

– Que nada! diz o Ercias. – Qué vê que eu atiro prá mais de dez metros daqui?

– Não, Ela pode explodir.

– Vassmecê não vê que só mesmo um canhão prá fazê a bicha abrir? e o Ercias agarra o objeto. – Vamos vê quem atira mais longe?

Enquanto prepara uma posição olímpica para o lançamento, ele pergunta: – Que é que vancê está fazendo nesta cidade?

– Estou no hospital, exclama o outro. – A coisa está ruim no front e eu vim veraneiar na retaguarda.

– E que vancê sente?

– Eu? Nada! Me queixei para o médico dos ouvidos e ele me receitou 10 dias de observação.

Nisto o Ercias atira a bala para frente. Uns 8 metros diante deles verifica-se estrondosa explosão. O Ercias nunca correu tanto na vida como neste dia e o paraibano desmaiou de susto, ficando doente de verdade.

O Combate de Buri

Lutar, Avançar e Vencer

...Às 15h40min do dia 24, o Batalhão prossegue marcha, atingindo às 18h50min a estação Bacelar, onde é pernoitado.

Às 8h10min de 25 é reiniciada a marcha, tendo que estacionar o Batalhão no km 298, entre as estações de Rondinha e Buri, devido estar uma ponte nas proximidades inutilizada. A companhia do capitão Nicomedes, que cobre o Batalhão, retoma o contato com o adversário, recalca-lhe as patrulhas, prendendo dois oficiais e um soldado. Durante a noite, a rede de sentinelas e os postos avançados, sofrem intermitentes descargas dos rebeldes, sem, no entanto, haver prejuízos lamentáveis.

O dia 26 está amanhecendo.

Sobre a terra jorra incessantemente um lento aguaceiro. Enquanto o vendaval açoita as moitas e atravessa silvando o mato, numa fúria indomável.

A 1ª companhia, sob o comando do capitão João Tácito dos Santos, recebe a missão de substituir a 3ª, nos postos avançados, bem como guarnecer uma caixa d'água, nas alturas do km 296.

Às 8 horas, a companhia inicia a marcha e ao atingir a ponte destruída junto ao km 297, o pelotão tenente Lourival Rodrigues Sobral, que fazia a testa da vanguarda; e destacado para fazer o reconhecimento da frente.

Uns 200 metros além da ponte, o pelotão é hostilizado pelo inimigo, que oculto em um bananal, no flanco direito da linha férrea, castiga-o por meio de descargas de armas automáticas.

A estas horas, o Ten Cel Apparício destaca a 3ª companhia do capitão Nicomedes Moreira Roehring, para guarnecer as alturas e a esquerda da estrada de rodagem que liga Rondinha e Buri, a fim de evitar que o adversário ocupe estas posições apanhando o batalhão de flanco, e onde deve esperar a chegada da artilharia, incumbida de bombardear a Estação de Buri e os ninhos de resistência do inimigo.

Como a luta recrudescesse, o capitão Tácito entra em comunicação com o P. C. de comando do Batalhão, localizado entre os kms 297, e vê-se obrigado a empenhar a seção em combate de comando toda sob a sua unidade mandando avançar, primeiro, logo Duarte sargento e o gmpo Artur do Fister 2º sargento e depois, Ubaldo o pelotão Viale tenente Romaneli, Olegarioque tomam posição no flanco direito do pelotão tenente Sobral.

Dirigindo-se para a linha de frente, o Comandante Apparício constata que os rebeldes se acham em posição defensiva, ocupando diversas cristas, numa frente de mais de 2 quilômetros e num terreno em forma de dupla ferradura.

Imediatamente dá à 2ª companhia do capitão David de Oliveira Rego a missão de reforçar a companhia já engajada e manda apara frente, a fim de

apoiar a progressão das duas sub-unidades uma seção de metralhadoras peadas, comandada pelo 2º tenente Januário Dutra.

Enquanto um pelotão da 2ª companhia, sob as ordens do 2º tenente Alfredo Gomes Jacques apoia a 1ª companhia pelo flanco esquerdo, o outro, sob as ordens do 2º tenente Arisoli Fagundes, corre a auxiliá-lo no flanco direito.

A seção de metralhadoras toma posição numa crista, ao lado direito da via férrea, engajando, logo, fogo sobre o inimigo, à distância de 400 metros.

À direita, os pelotões do 2º Regimento de Cavalaria, sob o comando do major Ângelo Melo, desenvolvem violenta ofensiva, que progride sobre o Batalhão, a fim de ligar-se com ele.

O Batalhão continua avançando e a seção de metralhadoras dispõe as respectivas peças em grupo de tiro por guarnição, realizando vários lances, incorporando-se, após ter castigado as primeiras linhas adversárias, à 2ª companhia do capitão Rego, que então já se achava fortalecido por um pelotão do 2º Regimento de Cavalaria, comandada pelo 1º tenente Antônio Gomes Jacques.

O comandante Apparício dirige pessoalmente a batalha e está ora na frente dos pelotões da 1ª, ora dos da 2ª companhia.

O 2º tenente Benites, num lance de verdadeira audácia, toma com seus homens as trincheiras inimigas e efetua 283 prisioneiros.

Mas linhas adversárias são numerosíssimas e o combate recrudescer cada vez mais.

O pelotão tenente Alfredo Gomes Jacques conquista terreno, quando é prescindido pela artilharia inimiga, que começa a despejar fogo sobre suas posições, obrigando-o a um pequeno recuo. O tenente Jacques avança novamente, quando cai ferido.

E a artilharia que devia dar apoio ao Batalhão não chega. O tenente Arisoli se arrasta, palmo a palmo, de baixo da mais intensa fuzilaria, para frente e no momento que se apronta a para se lançar dentro de uma trincheira adversária, é atingido por uma bala que o prostra ao solo.

O combate torna feições violentíssimas. O tenente coronel Apparício envia um homem para a 3ª companhia, chamando-a em auxílio e escreve ao major Camilo que está no P.C.:

Major Camilo. Dos primeiros elementos que chegarem mande alguns pelo flanco esquerdo, donde estais. Há grande número de prisioneiros. Desloque-se para frente, pela via férrea, que me encontrará. Tenente Coronel Apparício.

Segue, sob o comando do major Camilo, o Pelotão de Metralhadoras Pesadas, sob o comando do 1º tenente Nilo Silveira Neto, um grupo de combate dirigido pelo 3º sargento Dorival Muniz e uma esquadra, comandada pelo cabo Leonardo Bastos.

O Pelotão de Metralhadoras Pesadas, guarnecido pelo grupo e a esquadra acima referida, deslocam-se pelo flanco esquerdo, debaixo de constantes rajadas de metralhadoras e tiros de fuzis dispersos de um ninho de resistência do inimigo, localizado numa choupana, na crista do cerro próximo à estação de Buri.

A distância de mil metros da estação, a seção de metralhadoras, sob o comando do 2º tenente Isaac Ferreira Peres, auxiliado pelos elementos do grupo sargento Muniz e cabo Bastos, consegue ocupar várias trincheiras e fortificações naturais.

O inimigo desencadeia violenta fuzilaria e procura estabelecer uma cortina de fogo, a fim de barrar a investida do Batalhão, Mas este, com o Ten Cel Apparício na vanguarda, não obstante a violência e a reação adversária, continua avançando.

O heroísmo do 1º Batalhão ultrapassa a qualquer imaginação só uma frase o que é sua gente – um punhado de loucos, e só tem uma mania: lutar, avançar e vencer. Mas estes loucos obedecem conscientemente a vontade inteligente de um forte, que é um organismo sem nervos o tenente coronel Apparício Gonçalves Borges. No fragor da refrega, onde o combate assume proporções fantásticas, lá está ele, sereno, calmo, dando suas ordens, estimulando seus homens, sem ouvir o sibilar da fuzilaria, que, crepitante, forma um círculo de raio curto. Nunca houve chefe mais valente. (Parte de Combate do cel. Argemiro Dorneles ao general Waldomiro Lima).

De repente, o comandante descobre, mais além, deitado dentro de uma valeta de moitas, o tenente Arisoli, que está estorcendo-se de dores.

O coronel Apparício procura transpor as barreiras de ferro e fogo que o inimigo levantara para estugar o passo dos homens da Brigada, quando sente um líquido quente a correr-lhe pelo corpo. Sua camisa está tingida de sangue. Uma rajada intensa, partida de 50 metros, o atinge e ele cai mortalmente ferido.

O cabo corneteiro Timóteo corre junto a ele e se abaixa, a fim de socorrê-lo, quando uma bala traiçoeira o prostra sem vida sobre o corpo ferido do chefe.

Um pouco mais adiante, jaz o soldado Ercias Anes, com os olhos muito abertos, como se procurasse enxergar, por dentro do céu nublado, um pedacinho dos pagos queridos.

Enquanto o major Camilo, às 11 horas da manhã, assume o comando do Batalhão, o 1º sargento Vasconcelos Pereira Garcia procura abrigar o Ten Cel Apparício em zona morta dos projetis. – O tenente Arisoli caiu ferido! exclama o comandante e recomenda: – ele necessita de socorro e não eu!

Com o auxílio do 1º tenente Ladmiro Corrêa, que regressou de uma missão junto ao general comandante do Destacamento, da cidade de Faxina, o sargento Vasconcelos e o cabo Waldomiro Machado transportam o

comandante, debaixo de intensa fuzilaria, para a retaguarda, onde o colocam sobre o trole e o levam até a ponte destruída, donde o conduzem para um trem de socorro, que parte para Itararé.

Na linha de frente, as comunicações se tornam cada vez mais difíceis.

A natureza do terreno, as baixas que o Batalhão vem Sofrendo, a falta de apoio da artilharia, a superioridade esmagadora do adversário, que conta com um efetivo de mais de 3000 homens e está verdadeiramente aferrado em suas trincheiras, a fadiga que está se apossando dos homens, deixa antever o espetáculo macabro de uma grande carnificina, porque os homens do 1º Batalhão vão morrer lutando, mas não abandonam o terreno conquistado sob sacrifício do coronel Apparício e de tantos outros valorosos companheiros.

O secretário do Batalhão, 2º tenente António Ferreira da Costa, dirige pessoalmente uma peça de metralhadora, no primeiro escalão do combate, ao lado do capitão Rego; enquanto o capitão Saturnino Cavalheiro Ramos e o quartel-mestre, tenente Francisco Flores Vieira, conduzem nos ombros a munição para os centros de remunicação das companhias.

Da estação de Buri surge repentinamente um trem blindado com dois vagões, cheios de rebeldes, e com suas 16 metralhadoras, rompe cerra fuzilaria, seguidas do lançamento de granadas W.B.

A seção de metralhadoras do tenente Isaac entra em ação, e com elementos do grupo sargento Muniz e da esquadra cabo Leonardo, abre fogo sobre a máquina.

E os chefes são de valor! No leito da estrada está um outro louco – o major Camilo, que de peito descoberto desafia as balas inimigas. Estimula os companheiros e desobedece a prudência. As rajadas de enfiadas e de flanco cruzam-se na sua posição. Junto ao major Camilo está o capitão Saturnino, impressionante pela sua serenidade. Nem o fragor da peleja, nem as alternativas do combate conseguem perturbar a sua calma. E um herói dos que mais se destacam. E o capitão Tácito? Nunca fraquejou. Foi o primeiro a engajar-se no combate e dele não mais se retirou. E o mais completo comandante de companhia. E valente, calmo e abnegado. Faz verdadeiros lances de heroísmo, que ninguém pode descrever. O capitão David de Oliveira Rego age com uma presença de espírito, uma coragem e sangue frio tão grandes, que entusiasma os seus chefes e camaradas. O tenente Nilo porta-se também com uma bravura sem par. Combate com uma elegante calma e uma inteligência admirável (da parte do cel. Dorneles).

Mas lá também está este tira formidável que é o major Angelo Melo – conforme expressão do coronel Dorneles: – Um homem que não conhece outro caminho, a não ser o que conduz para frente. Ele e seus heróis, sempre confortados com a presença dos companheiros que não perdem a ligação, ali estão! Como sabe lutar o 2º Regimento de Cavalaria!

Sim, como sabe lutar o 2º Regimento! Reunido ao 1º Batalhão, ele marcha em direção à vitória ou, então, à morte!

Sem trincheiras, os homens resistes galhardamente as investidas fulminantes da composição blindada, as cerradas descargas de armas automáticas da infantaria inimiga, as granadas de fuzil e de morteiro que explodem em derredor.

O capitão Nicomedes Moreira Roehrig, que seguira com a 3ª companhia para o local, distante aproximadamente três léguas do Batalhão, onde devia servir de apoio à artilharia e com a missão de não se retirar da posição, sem contra-ordem, fica aguardando até às 15 horas a chegada da artilharia.

Como esta não chega e tendo conhecimento por um oficial do Exército, que existe um ligador do Batalhão com uma ordem para sua companhia, ele se desloca para a estrada de rodagem, onde fica sabendo que o Batalhão necessita de reforço. Imediatamente ele se dirige ao local da ação, tomando posição no flanco esquerdo e procura cortar a retirada da máquina blindada, que continua arremessando sobre o Batalhão o rajar ininterrupto de suas metralhadoras e granadas.

A máquina, notando-se cercada, para imediatamente e regressa precipitadamente para Buri, sendo batido na fuga pelas metralhadoras da seção tenente Isaac e os elementos da 3ª companhia, na cuja frente se encontra o capitão Nicomedes, os 2ºs tenentes Lahir Fernandes Marques, Gomercindo Silva, Fioravante Ferreira da Silva e o sargento Gofercindo Menezes do Canto.

O combate aumenta de intensidade. Com os chefes na dianteira, os soldados da Brigada parecem uma torrente a desempenhar-se pela montanha, arrastando na sua impetuosidade os obstáculos encontrados e espraiando-se depois, para em seguida reunir-se e novamente investir contra o adversário, em cujo seio se estabelece verdadeiro pânico. Ele arromba o cemitério de Buri e foge desnortado obre as sepulturas, procurando abrigo nas linhas da retaguarda, sempre perseguido pelos pelotões do 1º Batalhão e do 2º Regimento, que chegam a avançar até as portas da localidade.

A noite desce.

O fogo cessa.

Depois de 10 horas de combate é feita uma trégua, permanecendo o Batalhão nas posições conquistadas durante o dia.

Os feridos são recolhidos e reunida a grande presa de guerra que consiste de munição, armamento, inclusive 3 metralhadoras e 2 peças de artilharia, tendo o Batalhão conseguido aprisionar 292 praças e 5 oficiais adversários.

Enquanto isso, perdido entre altas moitas, na frente de uma trincheira, está deitado e ferido, o tenente Arisoli Fagundes.

Ele procura se arrastar para o meio dos companheiros, mas o corpo não lhe obedece; ele quer chamá-los, mas seus lábios não conseguem exprimir uma palavra. A ferida dói e ele está só. Sem uma pessoa para, ao menos, o

confortar. E a noite vai alta e uma escuridão tenebrosa reina em seu redor, enquanto o vento frio canta tão tetricamente. Por que será que ninguém o auxilia? Onde é que estão os companheiros? Seus pensamentos trabalham febrilmente. Ele faz um esforço inaudito para se mover, mas o corpo permanece inerte e só a ferida continua a sangrar.

No dia seguinte, a 3ª companhia que faz o serviço de vigilância, nota que a vila de Buri está sendo evacuada, fugindo o adversário em 14 composições em direção de Itapetininga.

1/8 R. I. do Exército, que acaba de chagar e não combateu, avança para ocupar a cidade abandonada e começa a recolher a importante presa de guerra, constituída de canhões, metralhadoras, fuzis, munição e víveres.

O adversário deixou Buri num estado lastimável. Parece, até, que uma horda de vândalos passou por ali. Tudo está arrasado, saqueado, violado. A população que fugira para os matos, regressa aos seus lares, em estado que causa dor e compaixão.

No 1º Batalhão, as praças do Pelotão de Metralhadoras Pesadas percorrem o campo de combate e recolhem os corpos do cabo corneteiro e do soldado Ercias Anes.

No meio das moitas eles encontram o tenente Arisoli, que ainda está com vida.

Ao ser colocado na padiola, ele dirige aos companheiros um olhar cheio de indescritível tristeza – abre a boca para dizer algo – e morre.

O adversário deixou no campo 22 mortos, aos quais é dado sepultura.

Além da perda do tenente Arisoli, cabo corneteiro Timóteo Alves e soldado Ercias Anes, o Batalhão teve fora de combate os feridos: comandante Apparício Gonçalves Borges, 2º tenente Alfredo Gomes Jacques, 2ºs sargentos Miguel Barbosa das Neves, Ponciano da Silva Marques, 3ºs sargentos Ovídio Knaipp, Frazão Dutra, cabo Delfino Marques dos Santos e soldados Fortunato Camargo da Silva, Marcelino Brites, Soares, Brasiliano Ferreira da Cruz, Valentino Prado do Nascimento, João Tavares de Lima, Octacflío Reichert Albino Silva e António Francisco de Souza; este veio a falecer, mais tarde, no hospital de Itararé.

Após o conserto da ponte e da caixa d'água, o Batalhão avança até o quilómetro 296, onde são velados os corpos do tenente Arisoli e soldado Ercias.

No Hospital de Campanha de Itararé

Um Brigadiano entra para a História

No hospital de Itararé, um valoroso comandante luta com a morte.
Pela janela entreaberta penetram os últimos raios do sol.

No quarto reina uma quietude profunda, só interrompida, de vez em quando, pelos passos leves do Dr. João Ribeiro Filho, que vem verificar o estado do doente.

Lá fora, no jardim, os pássaros gorjeiam docemente e duas borboletas brincam em redor dum roseiral em flor.

O comandante Apparício, que jamais fraquejou, jamais retrocedeu, mas sempre avançou, sempre venceu, com o olhar fito na vanguarda, sempre firme no seu posto, sem ceder um só palmo, sem jamais se vangloriar, sem jamais se lamentar – também no sofrimento se conserva um forte.

Disseram-lhe que os seus homens conquistaram a vitória e, desde então, apossou-se de sua alma uma grande tranquilidade.

A ferida dói, mas as dores não são importantes! O que dói é ele estar longe de seus soldados!

Ei-lo a marchar, com o corneteiro ao lado, diante de sua unidade. Como marcham, com tanto garbo, os soldados! A bandeira desfraldada, os clarins vibrando e a banda a tocar:

*Mas se ergues da justiça a clave forte.
Verás que um filho teu não foge à luta.
Nem teme, quem te adora a própria morte.
Terra adorada!
Entre outras mil
Es tu Brasil,
O Pátria amada!
Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada, Brasil!*

Que orgulho ele sente do 1º Batalhão!

Nuvens começam a toldar sua visão. O sol está se retirando mansamente.

Aos pés da cama, uma mulher o contempla ternamente. Ele conhece essa mulher! Sim, é ela, Antonieta – a esposa adorada.

Ele procura se erguer para beijar-lhe as mãozinhas delicadas e morenas, mas como por encanto, ela desaparece...

Nuvens, nuvens, donde é que vêm tantas nuvens?

Onde foi a esposa? – Morreu? – Quem disse isto? Se a morte não existe! Se tudo o que morre vive e se tudo que vive não pode perecer! – A primavera vem e a primavera vai, mas um dia aparece novamente. – As árvores

florescem e as árvores se desfolheiam, mas depois se cobrem outra vez de flores. – A natureza é eterna e os deuses que a criaram, vivem dentro dela, vivem dentro da luz, dentro do som; existem nos matizes da cor, na fragrância do perfume; se encontram num grão de areia, numa gota de mar; estão a alma do homem, no coração da mulher... Morrer? – Se a morte é a Região da Vida Eterna, onde reina tão somente o Amor, a Perfeição!

Ao longe, alguém canta. Ele conhece a melodia; já a ouviu certa vez:

*Sueli a serenata
Está prestes a findar
Mas a melodia triste
Há de sempre perdurar.*

Onde foi que ouviu isto? Ele procura se lembrar, mas sua mente está em febre e não o deixa pensar.

*Reinarás eternamente
Em minh'alma e meu ser.*

Novas nuvens toldam seus pensamentos.

Um combate violento está se travando. Ele vê o tenente Arisoli cair e escreve um bilhete ao major Camilo: – Desloque-se para frente, pela via férrea, que me encontrará.

Naquela crista está a esposa e lhe acena com um lenço. Ele avança entre as balas, por sobre as trincheiras e está agora ao seu lado. Desta vez não é visão. Não, desta vez ele conseguiu reunir-se à bem-amada!

...O sol desapareceu por completo.

Com a chegada do crepúsculo, o comandante Apparício adormeceu.

E quando acordou, encontrou-se com a esposa na Região da Vida Eterna.

Despedidas e Homenagens

Na Santa Paz dos Justos e dos Bons

Às 14h30 min do dia 28, o Batalhão prossegue a marcha para o povoado de Buri, onde chega às 16h30min. Nesta localidade é publicado o seguinte boletim:

TRANSCRIÇÃO DE OFÍCIO – FALECIMENTO

Comando da vanguarda das F.O. no Estado de São Paulo.

Estacionamento em Buri, 28 de julho de 1932.

O Ten Cel Comandante da vanguarda ao Sr. Major Comandante do 1º Btl.I.

Conforme comunicação verbal que me fez o sr. General Comandante das Forças em Operação no Setor Sul faleceu no hospital de sangue de Itararé, o sr. Ten Cel Apparício Gonçalves Borges, que fora ferido gravemente. No combate de Buri, no dia 26 do corrente. Deveis excluí-lo do estado efetivo do Batalhão e consignar os nossos mais profundos votos de pesar à Brigada e à Pátria. Dizer o que ele foi e o papel saliente que viria a desempenhar em um futuro próximo, escapa à minha autoridade. No entanto, sob o ponto de vista da sua atuação militar, sou o testemunho mais autorizado, porque assisti pessoalmente a sua bravura calma, à sua iniciativa, aceita, o estímulo que ele dava à sua tropa e a bondade com que dirigiu o seu Batalhão.

A sua inteligência era tão seleta, que poucos momentos de trato punham-na em evidência. No combate era o mesmo homem das palestras. Representava um organismo sem nervos. Não tremia e nem vacilava. Tinha a posse completa sobre si mesmo e infundida uma confiança ilimitada aos seus comandados. A grande vitória que as nossas forças colheram, coube na maioria àquele chefe. Não temos nisto nenhuma dúvida e fazemos questão de dar ao nosso querido morto aquilo que só a ele pertencia. Por tais motivos apresento ao 1º Btl. I. os nossos profundos pêsames. Saúde e Fraternidade.

(a) Argemiro Dorneles.
Ten Cel Comandante da V. G.

Em virtude da ordem acima transcrita, determino a exclusão do estado efetivo do Batalhão e do Pelotão Extranumerário, do tenente coronal Apparício Gonçalves Borges. E com verdadeiro e profundo pesar que vejo desaparecer da efetividade da Brigada Militar e deste Batalhão, por meio de um golpe prematuro do insondável destino, este bravo que soube honrar com mais expressiva dignidade, valor e abnegação, as velhas e incomparáveis tradições

do soldado gaúcho, comprovadas e conhecidas nos anais desta força que, ao lado do direito e da razão, na manutenção da ordem interna do país cumpriu com o seu dever nas periclitantes fases por que tem passado o Rio Grande do Sul e o Brasil. O bravo tenente coronel Apparício acaba de perecer no campo da luta, na suprema direção desta unidade, que sempre soube comandar e conduzir com serenidade de ânimo e extraordinário tino administrativo, de maneira invejável.

Em 1911, muito jovem ainda, aos 18 anos de idade, ingressou na Brigada Militar, como simples soldado e já em 1913, pelas suas esclarecidas virtudes, conquistara o oficialato, sendo nomeado ao posto de alferes; dada, porém, a sua ilustração, capacidade de trabalho e perfeitos conhecimentos da técnica militar evidenciados nos diversos cargos de confiança que exercera por longos anos junto ao Comando Geral da força, em 1930, na memorável arrancada de outubro, fora comissionado, por merecimento, ao posto de tenente-coronel para comandar o 3º Batalhão de Infantaria de Reserva da Brigada, a cuja frente este prestando inestimáveis serviços até o fim daquela inesquecível jornada. Efetivado no posto de tenente coronel, em 1931, foi classificado comandante deste Batalhão, que com maestria de chefe experimentado soube conduzi-lo com veemente carinho na paz e com energia e inteligência na guerra.

PROMOÇÃO POR BRAVURA

Promovo, por ato de bravura, a 1º sargento corneteiro-mor, o cabo corneteiro da 2ª companhia Timóteo Alves e a cabo-de-esquadra, o soldado da 1ª companhia Ercias Anes.

EXCLUSÃO DE OFICIAL E PRAÇAS

Seja excluído do estado efetivo do Batalhão e da 2ª companhia, por ter sido morto na linha de frente, o 2º tenente Arisoli Fagundes. Ao excluir o 2º tenente Arisoli, cumpro o sagrado dever de ressaltar os seus serviços prestados com valor, abnegação e sangue frio, em todas as investidas em que se tem empenhado a Brigada Militar desde 1923. Aos 17 anos ingressou o tenente Arisoli nas fileiras da Brigada, como simples soldado, conquistando, pela sua inexcedível bravura, ser comissionado no posto de 2º tenente, prêmio do sacrifício sofrido e do valor demonstrado em cruentos combates em que tomara parte em 1924. Possuía o bravo morto, além das virtudes militares, uma maneira simpática e atraente no seu modo de agir, que, mesmo na rudez do combate, era estimado pelos seus subordinados e admirado pelos seus camaradas.

Finalmente, sejam excluídos do estado efetivo do Batalhão e das 1ª e 2ª companhias, respectivamente, os 1º sargento corneteiro-mor Timóteo Alves e cabo Ercias Anes. E mister dizer que estes bravos morreram como sabe morrer um gaúcho fiel às gloriosas tradições de seus antepassados.

SEPULTAMENTO DE OFICIAL E PRAÇAS

Foram sepultados, hoje, no cemitério da vila de Buri (Estado de São Paulo), o 2º tenente Arisoli Fagundes e o cabo da 1ª companhia Ercias Anes; 2 a 27, na margem direita da estrada de ferro, próxima ao quilômetro 293, o 1º sargento corneteiro-mor Timóteo Alves.

TRANSCRIÇÃO DE TELEGRAMAS

Do Rio de Janeiro.

General Waldomiro Castilho de Lima. Itapeva.

Receba com seus bravos companheiros armas minhas sinceras condolências pela perda coronel Apparício Borges, morto heroicamente na defesa da integridade do Brasil ameaçado por injustificável rebeldia e no cumprimento do patriótico dever. Cords.sauds. Getúlio Vargas.

De Porto Alegre.

Major Camilo Diogo Duarte, Cmt. 1º Btl. Brigada Militar. Buri.

Congratulo-me convosco e valorosa tropa ora sob o vosso comando brilhante feito assinala uma das maiores vitórias forças legalistas. Lamento profundamente morte heróica tenente coronel Apparício Borges, bravo tenente Arisoli Fagundes e praças tombaram campo de honra, combatendo pela causa sagrada da Pátria. Saudações cordiais. Flores da Cunha.

De Porto Alegre.

Major Camilo Diogo Duarte, Cmt. 1º Btl. Brigada Militar. Buri.

Felicito-vos e bravos comandados pela maneira brilhante por que se conduziram ação elevando nome glorioso nosso caro Rio Grande e honrando tradições bravura e heroísmo nossa gente. Lamento profundamente perda irreparável nossos bravos e valorosos camaradas cel. Apparício e tenente Arisoli e demais praças. Apresento-vos e ao 1º Btl. pésames tão duro golpe acaba sofrer. Faço votos pronto restabelecimento feridos. Comandante APPARÍCIO e tenente ARISOLI foram promovidos postos imediatos.

Coronel Canabarro Cunha.

Na madrugada de 2 de agosto, chega a Porto Alegre o corpo embalsamado do coronel Apparício Gonçalves Borges.

O corpo é conduzido ao Quartel General da Brigada Militar, onde é velado na sala de honra, desfilando diante do esquife uma grande multidão.

As 10 horas da manhã, forma-se extenso cortejo e o ataúde é levado ao cemitério. No cortejo, que constitui consagração popular, encontra-se, entre outras personalidades: o general Andrades Neves, Comandante da 3ª Região Militar; general. Flores da Cunha, Interventor Federal neste Estado; coronel Canabarro Cunha, Comandante Geral da Brigada e o doutor Antonio Borges de Medeiros, ex-presidente do Estado.

A cerimônia do sepultamento é deveras comovente. Não se vê um rosto que não está com lágrimas.

Por ocasião do sepultamento, o tenente coronel Antero Marcelino da Silva Júnior pronuncia a seguinte oração:

A terra amada do Rio Grande do Sul vai receber em seu seio o filho querido que tanto soube honrá-la. E a Brigada Militar, que ele tanto dignificou, mandou-me que viesse dizer, ante o corpo inanimado do seu grande soldado, a saudade profunda e imperecível que ele nos deixa, e a imensurável e desolada mágoa que neste instante consterna e alcança a alma confrangida da tropa estadual.

Mas a alma humana é pobre demais para exprimir a comovedora tristeza, a dor inestancável e imensa, a desgraça irreparável e fatal que para nós representa este triste esquife que aí está. Melhor fora que a nossa dor se traduzisse pela manifestação mais sincera da emoção humana, para que, ao invés destas palavras tristes, se ouvisse nessa campa o soluçar dorido do nosso pranto, vertendo sobre o corpo inerte do pobre Apparício, as lágrimas puras da nossa saudade e da nossa dor.



Saída do cortejo fúnebre, do Of. na rua dos Andradas (da praia). A frente, à direita, com o gorro na mão, Flores da Cunha, ao lado, carregando o caixão, o Cmt Cel. Canabarro Cunha, bem à esquerda o Cmt da 3ª Região Militar.

No sarcófago, onde se sepultam e esquecem as grandes desgraças humanas, ainda se não some, com o corpo desta vítima, a crueldade dos homens. O século que vivemos ressuma sangue. A civilização cristã assiste, consternada e perplexa, o horror da hora que passa. A hiena sanguissedenta

das revoluções está insaciável e reclama mais sangue. E preciso satisfazê-la. A vida humana já nada vale. Não temos mais o direito de viver. Joga-se com a nossa vida com o mesmo desprezo com que se põe fora a coisa inútil. Desgraçadamente, no Brasil, as posições de mando são galgadas sobre cadáveres, e a popularidade dos pró-homens, a popularidade efêmera e fugace, filha do egoísmo e da vaidade, é conquistada à custa do sangue generoso dos humildes, da viuvez miseranda e desolada e da orfandade negra e dolorosa. Aqui está na tristeza deste quadro compungente, esta pobre vítima, tão cedo roubada às doçuras da vida. Que Deus lhe dera, a comprovação inconcussa da nossa assertiva.

Dezenas de rio-grandenses já pagaram com a vida, em 1924, em terras paulistas, o mal que não fizeram. Há muito que lá ficou dormindo o sono eterno, entre outros infelizes soldados, a mocidade radiosa do capitão Cristalino Pedro Fagundes. Numerosos outros soldados gaúchos jazem, até hoje nos sertões do nordeste. Lá estão as ossadas do coronel Travassos Alves e do tenente Silvio Paiva, dois bravos oficiais estupidamente roubados à vida pelo sata nico capricho dos deuses. Agora, a plaga implacável leva-nos o coronel Apparício e o tenente Arisoli. Por cruel ironia do destino, é o Rio Grande que paga o maior tributo de sangue nestas lutas fratricidas. E a Brigada Militar é como o bode expiatório das mazelas nacionais, encastelada na sua irreduzível lealdade, em seu cendrado espírito de sacrifício, no zeloso empenho pelo cumprimento do dever, no incomparável brio militar dos seus soldados, a milícia rio-grandense aceita, resignada e fiel, sem queixumes nem recriminações, todos os sacrifícios que lhe impõem. Lá está ela, em todas as linhas de frente, combatendo heroicamente e derramando o sangue generoso dos seus soldados.

As colunas do governo são de fortes efetivos, grandes divisões do Exército; mas quem irá para a vanguarda sujeitar-se ao sacrifício? Não está ali a brigada Gaúcha? Pois, que vá ela. Os outros chegarão depois da posição tomada, ajudarão a enterrar os mortos, arrolarão o material bélico tomado ao inimigo e passarão, depois, um sentido telegrama de pêsames... E polícia! Só serve para morrer!... Depois da vitória assegurada e garantidas as posições de mando, os senhores do dia não cessarão de cogitar da dissolução das polícias estaduais ou da sua federalização, como tropas malsinadas.

Ainda há poucos dias, o pobre Apparício, na intimidade da grande afeição que nos ligava, conversava comigo sobre as últimas declarações do general Góis Monteiro, referentes à federalização das polícias militares. E me dizia o pobre amigo que tinha um acrisolado e perene amor à Brigada Militar, onde ele formara o seu caráter e a sua personalidade; com ela e por ela tinha exposto a vida múltiplas vezes, mas encerraria sua carreira no dia em que a Brigada deixasse de ser só do Rio Grande, porque ele queria morrer na terra abençoada e boa onde nascera. Pobre e infeliz amigo! Mal sabias o que te reservava o destino cruel e implacável. Não te deixaram morrer no doce rincão amigo, como querias. Não te deixaram sorver o último halo de ar rio-

grandense; não pudeste conservar a retina na última imagem do teu Rio Grande; não pudeste sentir, na hora extrema e derradeira, o supremo consolo dos beijos dos teus filhos.

Mas dorme em paz, Apparício! Aqui, neste mundo branco dos mármore, sob o ciciar dolente das casuarinas e dos ciprestes, ano entra a maldade humana. Lá fora, os homens continuam guerreando-se, digladiando-se, destruindo-se, matando-se. Não ficarás sozinho no sacrifício. A boca hiante dos canhões, escancarada e satânica, pede mais carne humana; o crepitar terrível das metralhas precisa ceifar mais vidas; o aço reluzente das baionetas quer beber mais sangue! Não ficarás sozinho no sacrifício. Ainda teremos mais vítimas para te acompanharem no silêncio do túmulo, porque a Brigada Militar, fiel a sua tradição de severa obediência ao Governo do Estado, enquanto não tombar o último soldado, há de combater a desordem e a anarquia com que maus brasileiros estão promovendo a desgraça da Pátria.

Descansa em paz. Apparício! Teu sacrifício será mais um estímulo para que amemos com mais ardor esta pobre Pátria, tão digna de melhor sorte; para que amemos mais, muito mais, com todas as varas do coração, este Rio Grande querido, em cujo seio vais dormir para sempre. Deixas para teus pobres filhinhos um património moral incomparável, um nome que é padrão de honra e nobreza. Deixas para tua Brigada Militar, o mais brilhante exemplo de virtudes militares. Teus amigos saberão cultuar tua memória. Teus soldados saberão seguir os teus exemplos.

Descansa em paz, Apparício, na santa paz dos justos e dos bons. Que a tua alma grane e generosa, evolvendo-se do teu corpo e levada pelo fervor das nossas preces, vá repousar, tranquila e feliz, nos sacros pés do Senhor!”

O coronel Apparício não morreu.

Ele vive, sempre e cada vez mais, na alma dos seus filhos, na memória dos seus soldados e na saudade de todos os rio-grandenses e brasileiros.

Com ele, espiritualmente, na vanguarda, os valentes soldados do 1º Batalhão de Caçadores, em cujo estado efetivo tinham sido incluídos, após a vitória de Buri, o major Ildfonso Carlos de Figueiró e o 1º tenente Carlos Henrique Marchand, continuam a marchar com a maior fé e entusiasmo, pondo em risco diariamente a vida, até o término da luta fratricida.

Nos sete combates em que o Batalhão se empenhou, teve de lamentar 9 mortos e 42 feridos.

As 11h20min de 10 de outubro, a valorosa unidade parte com destino ao Rio Grande do Sul chegando a Porto Alegre às 4 horas da tarde do dia 16.



A última ordem do Coronel Apparício

Um Monumento de Virtudes Militares

No dia 20 de setembro de 1934 é inaugurado, na Chácara das bananeiras, diante do quartel do 1º Batalhão de Caçadores da Brigada Militar, o monumento que perpetuará a memória do Coronel Apparício Gonçalves Borges.

O monumento tem 3 metros de comprimento, 4 metros de altura e 2 de largura, apresentando as figuras modeladas em bronze e em tamanho maior que o natural, o Comandante caindo diante de uma trincheira, enquanto, ao seu lado, o corneteiro está tocando. Na face frontal, existe uma placa com os seguintes dizeres:

Monumento mandado erigir pelo exmo. Sr. general J. A. Flores da Cunha, interventor federal neste estado, em homenagem ao bravo Coronel Apparício Gonçalves Borges, morto heroicamente em combate, a 27 de julho de 1932, em Buri, no Estado de São Paulo. "Dulce et decurum est pro patria mori". Na face posterior, vê-se outra placa: "Última ordem expedida pelo malogrado Coronel Apparício ao major fiscal de seu batalhão, vinte minutos antes de ser ferido – Major Camilo, dos primeiros elementos que chegarem, mande alguns pelo flanco esquerdo donde estais. Há grande número de prisioneiros. Desloque-se para frente, pela via férrea, que me encontrará lá".

(a) Apparício Borges. 26/7/1932.

A cerimônia de inauguração deste monumento revestiu-se de grande solenidade.

Em um palanque armado nas proximidades, tomaram lugar altas autoridades, entre as quais o general Flores da Cunha, Interventor Federal no Estado; general Parga Rodrigues, Comandante da 3ª Região Militar; Dr. João Carlos Machado, Secretário do Interior; Dr. Carlos Heitor de Azevedo, Secretário da Fazenda; Dr. Francisco R. Simch, Secretário de Obras Públicas; major Alberto Bins, Prefeito da Capital; Dr. Dario Crespo, Chefe de Polícia e coronel Canabarro Cunha, Comandante Geral da Brigada Militar.

Em torno do monumento, encontravam-se formados o 1º Batalhão, bem como companhias e esquadrões de todas as demais unidades da Brigada Militar, aquarteladas nesta Capital.

Às 9 horas da manhã, quando se iniciou a solenidade de inauguração, fez uso da palavra o capitão Alfredo Gomes Jacques, que preferiu o seguinte discurso em nome do 1º Batalhão:

Na vida das nações, como na dos indivíduos, sucessos excepcionais marcam o início de novos capítulos dir-se-iam filhos de uma caprichosa vontade, tais as insólitas transformações que consigo trazem. E a imaginação a perscrutar a massa uniforme de pretéritos episódios depara com a sua singular presença, como na serena vastidão dos mares, o dorso sinuoso dos recifes. E então é possível a mente desembaraçá-los das peias da ordinária existência e trazê-los à realidade do momento.

O homem recorda transportando-se ao passado.

Torna a sentir e a vibrar a alma coletiva anulando o presente.

Transportamo-nos, pois, aos procelosos dias do fatídico ano de 32.

Eles já há muito se escoarem e já não nos ferem a suscetibilidade, nem nos mantêm no doloroso sobressalto das surpresas amargas.

Ei-los.

Grandes forças políticas, desordenadamente, sacodem o país em violentas convulsões; por toda a parte multidões inquietas agitam-se; brados por vagos ideais e as paixões coletivas deflagram furiosas, irrefreáveis, numa rubra apoteose de ódios e extermínio.

Os acontecimentos opõem-se aos acontecimentos.

A brusca e paradoxal mutação de valores desorienta aos tímidos e proporciona ensejo àqueles que farão a História.

Algo indefinido e nebuloso faz estremecer a nacionalidade em fortes correntes de vida; é que há em nossas sangrentas desordens de país ainda moço um inesgotável aproveitamento potencial de energias; é que há no cego furor de nossas torpes contendidas e na raiva louca de nossos negros ressentimentos uma fonte perene de civismo.

O canhão troa ao longe, e os homens do extremo sul sentem latejar nas veias e sangue belicoso de três raças e povoar-se a mente com mil visões de fantásticos entreveros, com mil sonhos de glória. Arregimentam-se as hostes e, pela primeira vez, ao brigadiano apresenta-se terrível dilema:

"Para trás, confundido com as sagradas tradições, ergue-se, enigmático, um passado efetivo.

É preciso, pois, esquecer as velhas e puras amizades.

É preciso, pois, ir até o sobre-humano sacrifício, abdicar de um nobre e antigo sentimento, porque acima da unipessoal vontade eleva-se ileso, sobranceiro, o velho espírito da corporação.

É preciso, pois, reprimir absurdos e insensatos pensamentos, porque acima do indivíduo paira indestrutível, sem manchas, o nome da Velha Brigada.

É preciso, pois, fazer calar o coração e ocorrer pressurosos e decididos ao sacrossanto chamado do dever.

Os irresolutos, náufragos de si mesmos, perdidos num tenebroso oceano de incertezas, volvem o olhar aflito ao grande soldado. A impassibilidade da fisionomia austera põe termo à dúvida cruel. Os traços firmes apresentam a habitual decisão de todos os dias. Nada, nem o mais leve vestígio, que denunciasses a existência de um conflito interno.

Não que fosse refratário às veementes comoções tão próximas dos temperamentos emotivos; mas para ele vida, alma, pensamento, o que lhe era de mais caro, o que lhe era de mais santo, achava-se adstrito à penosa missão de ser soldado. E, se de um lado sólidos laços prendiam-no, impossibilitando-o de dar um passo, do outro lado, severas razões oriundas de inflexíveis princípios, indicavam-lhe a rota a seguir.

Certas circunstâncias há em que o lúcido raciocínio empana-se, e o homem, pela trama dos acontecimentos, é conduzido como a folha seca ao sabor do vento.

E tudo aquilo que cérebro arquitetou pacientemente, esvai-se em fumo ante à instintiva atividade aos grandes movimentos coletivos.

Ele, que jamais discutira uma determinação, obedeceu.

Emblema vivo das altas virtudes militares, fora talhado para as raras ocasiões:

E, outra vez, o teu grito de guerreiro ecoou, brigadiano, no fragor da peleja. E, outra vez, decididos, imolaram-se nos encarniçados combates, os teus irmãos; entre eles Apparício Borges, o grande chefe amigo, orgulho de uma estirpe de valentes, para sempre tombou.



Detalhe do Monumento inaugurado em 20 de Setembro de 1934.

Que míseros rancores de um todo se extingam e que os sacros despojos dos célebres guerreiros durmam o eterno sono no seio generoso da hospitaleira terra bandeirante.

Eles nada mais foram que meros instrumentos de um fatalismo histórico, pois no estranho ritmo dos desconhecidos fenômenos sociais, os fatos parecem descrever curvas circulares.

O homem de ferro, que em séculos passados partira da velha e heróica Piratininga, e resoluto, furando a espessura das matas, arremessara do planalto o castelhano ambicioso e arrogante, retornara através dos tempos ao primitivo ponto de partida.

Fecha-se violentamente um círculo acidentado.

O vendaval passou.

No refluxo da gigantesca maré política, voltam os homens aos lares, trazem no olhar a imensa saudade dos que ficaram e no âmago a inabalável convicção num Brasil de amanhã.

Brigadiano! Brigadiano, guarda zeloso o tesouro inviolável de tuas imorredouras tradições.

Venera e idolatra o vulto daquele que jamais será ultrapassado.

Faz com o teu grande e inesquecível chefe de morte atroz nos campos de batalha, um belo motivo de vida.

Recorda com ufania os bravos, teus irmãos, que em feros assaltos, encontraram o fim da obscura existência.

Medita quanto eles se distanciaram da humilde origem no silêncio eloquente do póstumo sacrifício.

Fecha os teus ouvidos à profana litania dos que deploram; são escassos, ainda, os que compreendem como é digno oferecer-se em holocausto; são poucos, ainda os que admiram a grandiosidade das mudas atitudes. Só a ti é dado sentir a religiosa emoção dos trágicos momentos.

Só a ti é dado evocar o majestoso e real cenário da passada tragédia.

Relembra, então, orgulhoso, os teus leais companheiros, que soberbos transpuseram o misterioso limiar da outra vida.

Revive os seus rudes semblantes imobilizados para a eternidade.

Há no rígido ríctus dos que assim se foram, a profunda beleza da renúncia e a soberana altivez dos que não tremem.

Brigadiano, vê como o duro bronze perpetua a epopéia de um lance decisivo.

Contempla, reverente, com unção o expressivo símbolo de teus indomáveis arremessos e convence-te que aos povos guerreiros, atrevidos, coube-lhes sempre o cetro da vitória: porque a guerra ainda é uma condição de vida.

Mas não te esqueças, perante este monumento, de que, a ti, não pertences, nem existe, em ti, alternativa.

Na verdade, é estreita e áspera a senda do dever: segue-a!

Pouco te importa os que fraquejam, deixa-os desandarem no trajeto percorrido. Compreende, nem todos nasceram para a luta.

Abandona-os, sem piedade, à sua sorte; eles já trazem em si o gérmen da descrença; falta-lhes o estoicismo das raças fadadas ao triunfo; falta-lhes a coragem das raças que olham para a frente.

Não te detenhas, porque o tempo é exíguo; continua convicto a tua jornada e leva na alma a fé no destinos de tua Pátria.

Brigadiano, sobre esta peanha, abate-se o corpo de um guerreiro; é um dos teus que baqueia para sempre; é um dos teus que tomba heroicamente.

Inveja-o, imita-o: ele é teu chefe.

E ao que tremem; aos que titubeiam; aos que, indecisos, espreitam a ocasião azada para alardearem impunemente um mérito fictício; aos que, por escassos meios, livram-se da humana responsabilidade; aos niveladores entregues ao vil labor de igualar ações alheias; aos que negam Cid Campeador; aos que blasfemam aos pusilânimes; aos fracos:

Eis a grande lição!

Eis o sublime exemplo!

Terminado o discurso do capitão Alfredo Gomes Jacques, falou a professora Branca Regina Lenzi, diretora do "Grupo Escolar Apparício Borges", analisando a significação da homenagem que se estava prestando ao patrono daquele estabelecimento de ensino.

Uma aluna, do mesmo Grupo, depositou, então, uma coroa de flores naturais aos pés do monumento.

Em seguida, falou o capitão Otelo Frota, para agradecer, em nome da família do coronel Apparíci Borges, a homenagem que se prestava àquele militar.

Após discursou o coronel Canabarro Cunha, que finalizou com as seguintes palavras:

Soldados da Brigada Militar

O Governo do estado, por seu inconfundível chefe, mandando erigir este monumento e dando aos construtores a concepção tal qual está realizada, não teve em mente prestar unicamente uma homenagem a um dos graduados de vossas fileiras portador de excelsas virtudes, de aprimorados dons de caráter, soldado na verdadeira significação do vocábulo, o heróico coronel Apparício Borges. Fez também figurar nele a imagem daquele corneteiro inseparável de seu comandante de batalhão, recordando e gravando na memória de todos vós, a de todas as praças de pré, caídos nos memoráveis reencontros. E, reunindo as duas personalidades, já agora legendárias, quis Sua Excelencia, num gesto todo seu e que, é só seu, traduzir, neste bronze, toda a admiração, toda a benemerência que deve o Rio Grande à sua invicta tropa, a Brigada Militar.

Fizeram uso da palavra, ainda, o Dr. Djalma de Castilhos Maia, promotor público de Viamão; Dr. Daniel Kruger e o general Flores da Cunha, que após referir-se à vida do coronel Apparício Borges, disse:

Depois da penetração, no território paulista, das forças riograndenses, e mal terminado o fortíssimo combate de Buri, eu recebia do coronel Argemiro Dorneles, que comandava a vanguarda do exército governamental, um telegrama, em que este, narrando os feitos do 1º Batalhão e do 2º Regimento da Brigada Militar do Rio Grande do Sul, me dizia – e eu conservo o telegrama nos arquivos do Estado – "Nunca vi homens tão bravos".

Quero, rendendo o meu preito de homenagem e de saudade ao coronel Apparício, dizer que o Rio Grande do Sul tem em alto apreço o serviço da sua força pública, por isso que em todos os graves momentos da nossa vida, ela sempre foi – como aquela espada branca e chamejante de Rolando - - igual e parelha – nunca faltando ao cumprimento do dever e ao serviço que enobrece a nossa terra.

Tropa que vi avançar, por dezenas de vezes, valorosa, brilhante, animada daquele santo valor, de que são dotados os centauros das plagas riograndenses.

E se eu escolhi o dia de hoje para a prestação desta homenagem, é porque é preciso, cada vez mais, ter bem aceso o amor das gloriosas armas rio-grandenses. Não somos bairristas, nem separatistas, mas brasileiros como os que melhor o foram. Mas, temos motivos particulares para nos orgulharmos da nossa terra e da nossa gente.

Meus patrícios. Vamos dar por inaugurado o monumento que comemora o fato gloriosa de Buri, em que tombou o comandante e o seu fiel e dedicado corneteiro. Foi escolhido este local, que fronteira o quartel do Batalhão de Ferro, o heróico 1º Batalhão, pois desejávamos, todos nós, que concorremos para a ereção desse monumento, que os soldados que servem nesta unidade da Brigada, pudessem tomar como paradigma do cumprimento do dever, esse episódio glorioso para as armas rio-grandenses e brasileiras.

Ninguém deplorou mais profundamente o desaparecimento prematuro do coronel Apparício Borges do que eu, ninguém o lamentou mais profundamente do que eu! Quero, porém dizer também que ninguém pode esperar maneira mais gloriosa de se separar da vida! E da condição do soldado morrer pela sua causa, na defesa da sua bandeira! O seu desaparecimento continuará a ser um exemplo para todos quantos, nesta abençoada terra, se atirarem as conquistas da carreira das armas.

Ficará como um modelo de disciplina, de amor ao Rio Grande e às suas tradições, dos quais o coronel Apparício era verdadeiramente expressão representativa. A Brigada Militar rio-grandense, a quem é também dedicada a homenagem do Governo, continua mantendo intactas as conquistas dos que, nos seus primeiros tempos, concorreram para a sua formação. No passado,

logo depois da proclamação da República, a força rio-grandense era na quase totalidade composta de gaúchos saídos da campanha.

Hoje, em que já se destaca por um alto grau de cultura e de preparação técnico-profissional, essa milícia pode apresentar-se em qualquer parte, porque, naqueles predicados, não é inferior a nenhuma tropa; em tradição, é rica como as que mais o forem, e, em espírito de disciplina e de dedicação ao estado, pode apresentar atestados sobejos de correção inatacável.

Meus patrícios.

Ao declarar inaugurado este monumento, congratulo-me com todos os rio-grandenses, como o ilustre general Parga Rodrigues, atual comandante da 3ª Região Militar, que não é riograndense, que é do extremo norte do País, mas que, soldado de folha de serviços imarcescíveis ao Brasil, veio quase no fim de sua carreira ao Rio Grande, não só para manter bem alta a disciplina do nosso glorioso Exército, como também verificar, como ainda é forte e vibrante nesta região, o amor à Pátria.

Tendo o interventor federal convidado o general Parga Rodrigues para retirar a bandeira que cobria o monumento, o comandante da 3ª Região Militar, agradeceu a distinção e que era alvo, fazendo-o com as seguintes palavras:

Estava eu longe de esperar esta honrosa deferência, que é, ao mesmo tempo, para mim uma felicidade de soldado.

Ajudar a inaugurar-se um monumento de um soldado, é efetivamente, uma felicidade para um soldado, que não tem feito outra coisa, durante cerca de 40 anos, senão cultivar a militância dentro das virtudes militares. Essa felicidade é ainda maior para mim, porque eu sou um filho das plagas nordestinas, mas que tem combatido também ao lado dos rio-grandenses e ao lado da brigada Militar; sou daquelas bandas, onde alguns costumes se parecem e cujos filhos têm, indiscutivelmente, certas afinidades com os habitantes deste extremo sul do nosso querido Brasil.

Por isso, sinto-me feliz e esta felicidade é dupla, sendo, para mim, não pequena a honra que me acaba de conferir o governo do Rio Grande do Sul.

Em seguida, o general Parga Rodrigues, acompanhado das autoridades que se achavam no palanque, desceu e se dirigiu para junto do monumento, descobrindo-o.

Nessa ocasião, uma banda executou o Hino Nacional, fazendo toda a tropa as devidas continências e desfilando, após, diante do monumento.

A propósito da inauguração do monumento do coronel Apparício Borges, o cel. Camilo Diogo Duarte, comandante do 1º Batalhão da Brigada Militar, publicou o seguinte boletim:

O sol do Rio Grande iluminará pelos tempos afora, com seus raios rutilantes, o seu pranteado filho, representado neste monumento-farol, que

guiará a mocidade da Brigada Militar ao porto seguro e certo do caminho do dever.

A sua passagem pelas fileiras da nossa força é uma página de marcante patriotismo, está cheia de grandes serviços prestados à Pátria Brasileira. Tomou parte saliente em todas as campanhas, ao lado da ordem e das leis. A sua espada fulgurou ao sol de quase todos os Estados do Brasil, desde os inóspitos sertões do norte às verdejantes coxilhas do nosso amado pago – o Rio Grande do Sul, que ele tanto amou e dignificou.

Nessas lutas cruentas, onde foi posto à prova seu grande valor militar, ele conquistou os maiores elogios, pela sua bravura, abnegação, tenacidade e resignação admiráveis, com que cumpriu seu dever, com muita honra e patriotismo.

Desempenhou com muita capacidade de trabalho, vários cargos de confiança, onde se houve com característica honestidade e grande descortino administrativo. Sua fé de ofício está cheia de brilhantes ensinamentos.

Relembrando ainda aqueles dias tormentosos da nossa nacionalidade, ressurgem, também, aureolado de glória, a figura varonil do tenente Arisoli Fagundes, dando o exemplo, indicando o caminho do dever e lá, caindo na crista do fogo de uma trincheira inimiga.

A todos os soldados que tombaram nos campos de combate, a esses heróis anônimos, as nossas saudades.

As cicatrizes dos feridos do 1º Batalhão, cicatrizes que ainda sangram, oferecem um atestado frisante de como se batem esses bravos do Rio Grande, de como honram as velhas tradições dos legendários Farrapos, dos quais é legítima depositária a Brigada Militar.



A Última Ordem do Coronel Apparício Borges adentra a Era Digital

Jefferson Biajone (*)

Por ocasião da celebração do Bicentenário da Independência (1822-2022), a **Liga da Defesa Nacional do Rio Grande do Sul**, a **Fundação Walter Peracchi de Barcellos**, a **Brigada Militar do Estado do Rio Grande do Sul** e o **Portal Paulistas de Itapetininga** trazem a lume edição digital rememorativa dos noventa anos do Combate de Buri (26 de Julho de 1932) da obra



A Última Ordem do Coronel Apparício Borges

ISBN: 978-85-65703-55-0 (Regional, 2022)

de autoria de **Harry Wilhelm Rotermond** (1908-1986) e que retrata a atuação do 1º Batalhão de Caçadores – atual **1º Batalhão de Polícia Militar** (1º BPM) – na Revolução Constitucionalista de 1932 e o falecimento de seu comandante, o então tenente coronel **Apparício Gonçalves Borges**, em combate ocorrido a 26 de Julho de 1932 no município de Buri/SP.

O Ten Cel Apparício encontrava-se acompanhado do corneteiro cabo Timóteo quando, logo após ter emitido a seguinte ordem escrita ao seu subcomandante: ***"Major Camilo. Dos primeiros elementos que chegarem mande alguns pelo flanco esquerdo, donde estais. Há grande número de prisioneiros. Desloque-se para frente, pela via férrea, que me encontrará. Tenente Coronel Apparício"*** foi ferido mortalmente pelo fogo da metralha inimiga, ocasião em que o cabo Timóteo, ao se abaixar para socorrê-lo, é atingido e cai prostrado sem vida sobre o corpo ferido de seu comandante.

Além do comandante tenente coronel Apparício e do cabo corneteiro Timóteo Alves da Rosa, também faleceram em decorrência da participação no combate de Buri o 2º tenente comissionado Arisoli Fagundes, o soldado Ercias Anes e o soldado Antônio Francisco de Souza.

Já os gravemente feridos no Combate de Buri foram o 2º tenente Alfredo Gomes Jacques, o 2sº sargento Miguel Barbosa das Neves e Porciano da Silva Marques, os 3sº sargento Ovídio Knaipp e Frazão Dutra, o cabo Delfino Marques dos Santos e os soldados Fortunato Camargo da Silva, Marcelino Brites Soares, Brasiliano Ferreira da Cruz, Valentino Prado do Nascimento, João Tavares de Lima, Octacílio Reichert e Albino Silva.



Monumento ao Cel Apparício e ao 1º Sgt Timóteo no Combate de Buri
Departamento de Ensino da Brigada Militar (2022)

A briosa e destemida participação do então 1º Batalhão de Caçadores na Revolução Constitucionalista de 1932 rendeu ao atual 1º BPM, a denominação histórica de "**Batalhão de Ferro**" e, ao sacrifício derradeiro do Ten Cel Apparício Gonçalves Borges, sua promoção por bravura *post mortem* ao posto de coronel, sua aclamação ao título de Patrono do 1º BPM e a inscrição de seu valoroso nome no Rol dos Heróis da Brigada Militar.

Em 20 de setembro de 1934, o monumento defronte ao atual Departamento de Ensino da Brigada Militar foi inaugurado em homenagem ao coronel Apparício e ao 1º sargento corneteiro-mor Timóteo, retratando o momento em que, durante o combate de Buri, o comandante do 1º Batalhão foi alvejado enquanto seu corneteiro executava o toque: "**Batalhão, Avançar!**"



Em 2022, por ocasião dos 90 anos do Combate de Buri e do Bicentenário da Independência do Brasil, a LDN/RS, a FUNPERACCHI e o Portal Paulistas de Itapetininga doaram à Brigada Militar placa de acrílico contendo um QR Code (vide imagem à direita), que afixada no citado monumento, foi descerrada pelo senhor Comandante-Geral da Brigada Militar coronel Cláudio dos Santos Feoli, durante solenidade rememorativa dos 90 anos do Combate de Buri realizada em 26 de Agosto de 2022 no complexo do Departamento de Ensino da Brigada.

A leitura por dispositivo móvel do QR Code impresso na placa possibilita livre acesso à presente edição digital de **"A Última Ordem do Coronel Apparício Borges"**, iniciativa de agradecimento e de reconhecimento pela glória imarcescível que o coronel Apparício e os seus briosos comandados do 1º Batalhão de Caçadores colheram de forma fulgurante para os Anais da História da Brigada Militar e da História Militar Terrestre do Brasil ao nos deixarem como legado a divisa



**DULCE ET DECORUM EST
PRO PATRIA MORI**

() Colaborador Correspondente da Liga da Defesa Nacional/RS e Presidente-fundador do Portal Paulistas de Itapetininga.*

Solenidade 90 anos do Combate de Buri

Discurso proferido em 26 de Julho de 2022

Júlio César Benites Teixeira
Presidente Emérito da LDN/RS

Exmo. Senhor CEL CLAUDIO DOS SANTOS FEOLI, digno Comandante Geral da briosa Brigada Militar;

Ilmo. Senhor Coronel FERNANDO GRALHA NUNES, Comandante do Comando de Policiamento da Capital;

Ilmo. Senhor Tenente Coronel EDUARDO DA CUNHA MICHEL, Comandante do 1º Batalhão de Polícia Militar;

Ilmo. Senhor Coronel MARCO DANGUI PINHEIRO, abnegado Presidente da Liga da Defesa Nacional do Rio Grande do Sul;

Ilmo. Senhor Doutor ROBERTO ALEXANDRE DOS SANTOS, dedicado Presidente da Fundação Walter Peracchi de Barcellos;

Ilmo. Senhor Coronel ATAIDE MORAES RODRIGUES, dedicado Presidente da Legião Ativa da Brigada Militar;

Nobres autoridades já mencionadas pelo protocolo;

Diligentes membros da diretoria da LDN/RS e demais compatriotas integrantes da entidade e que aqui se fazem presentes

Tropa em forma e Senhoras e Senhores

Saudações Patrióticas

Honrado que fui com o gentil convite emanado do ilustre Presidente da Liga da Defesa Nacional do Rio Grande do Sul, Coronel Marco Elias Dangui Pinheiro, para que usasse da palavra nesta cerimônia em nome da referida instituição, ousou atender a tal chamamento cívico.

*Há exatos 90 anos, neste 26 de julho de 2022, travava-se o sangrento Combate de Buri, que ceifou precocemente a vida de diversos integrantes da briosa Brigada Militar, entre eles, o valente comandante Coronel Aparício Gonçalves Borges, o 2º Ten Arisoli Fagundes, o Cb Timóteo Alves da Rosa, o Sd Ercias Anes e tantos outros que estão imortalizados na grandiosa obra **A ÚLTIMA ORDEM DO CORONEL APPARÍCIO**, de Harry Wilhelm Rotermund.*

Hoje, nesta destacada solenidade cívico-militar, lembramos os heróis Brigadianos que lutaram naquela que foi a maior guerra civil da história brasileira, a Revolução Constitucionalista de 1932, cujo maior expoente representativo gaúcho é, sem sombra de dúvida, o Coronel Aparício Gonçalves Borges, imolado no altar da Pátria, no cumprimento do dever.

De fato, a liderança, a determinação férrea, a coragem, o tirocínio claro e oportuno são atributos genuínos dos expoentes militares em qualquer força armada do mundo e, desde o seu ingresso como soldado recruta na Brigada Militar em 1911, até seu falecimento em combate no posto de tenente coronel comandante do 1º BPM em 1932, o Coronel Apparício Borges revelou ser militar ornado em grau elevado de todos aqueles atributos, além de outros muito evidenciados, em particular seu comprometimento cabal para com as missões que lhe eram impostas.



Tais atributos, plenamente exercitados por ele em situações extremas de combate que enfrentou durante sua extensa e profícua carreira militar, o tornaram um grande comandante, resultando no ingresso de seu nome nos anais da História Militar, tornando-o referência de Policial Militar não só para a Brigada Militar do Rio Grande do Sul, como também para todas as suas co-irmãs Polícias Militares ao redor do Brasil.

No hodierno cenário mundial conturbado por mudanças profundas na estrutura social, e por vezes respondidas com quimeras e narrativas, torna-se fundamental para que as sociedades consigam avançar com segurança e liberdade, atendendo os legítimos anseios das pessoas, que as experiências vividas no passado sejam tomadas como referência, os acertos sejam tomados como exemplo e os erros porventura então cometidos sejam corrigidos.

*O livro **A ÚLTIMA ORDEM DO CORONEL APPARÍCIO**, de autoria de Harry Wilhelm Rotermund, se caracteriza como uma fonte primária do conhecimento histórico, transcrevendo diálogos e situações reais durante um conflito armado, demonstrando as reações dos personagens dos fatos e, com propriedade, delinea a grandeza do personagem do título, o Coronel Apparício Borges, exemplo de fidelidade ao dever, sacrifício extremado e de amor à Brigada Militar, ao Rio Grande do Sul e ao Brasil.*

*Dessa forma, é muito justa a homenagem que a Liga da Defesa Nacional presta ao insigne militar, Patrono do 1º Batalhão da Polícia Militar, e por extensão à Brigada Militar, inserindo à esta solenidade, o lançamento oficial de **A ÚLTIMA ORDEM DO CORONEL APPARÍCIO**, na sua edição digital rememorativa dos 90 anos do Combate de Buri, no âmbito das comemorações do Bicentenário da Independência do Brasil.*

A Placa de QR Code que recém descerramos pelas mãos do Sr. Comandante-Geral Cel Feoli, , é um presente da Liga da Defesa Nacional, da Fundação Walter Peracchi de Barcellos e do Portal Paulistas de Itapetininga à nossa briosíssima Brigada Militar, instituição cujos integrantes pugnam pela segurança pública gaúcha, tendo sido idealizada pelo compatriota paulista e colaborador correspondente da nossa Entidade, o Prof. Dr. Jefferson Biajone e realizado exclusivamente pela sua persistência, competência e visão de futuro.



A edição digital rememorativa aos 90 anos do Combate de Burí de **A ÚLTIMA ORDEM DO CORONEL APPARÍCIO** foi revista e ampliada, recebeu prefácios de várias personalidades e autoridades aqui presentes e, agora no formato de PDF, encontra-se hospedada por tempo indeterminado no Portal da Liga, de forma que possa, para além de sua limitada existência em prateleiras de sebos e bibliotecas, adentrar a era digital dos celulares, das mídias e redes sociais, perenizando por meio do ciberespaço, para as gerações presentes e futuras deste século XXI, o testemunho de bravura e heroísmo do Coronel Aparício Gonçalves Borges e de seus comandados do lendário Batalhão de Ferro.

Assim sendo, importa ressaltar a presteza do Dr. Roberto Alexandre dos Santos, Presidente da Fundação Walter Peracchi de Barcellos, que de imediato, consentiu e tornou possível a reedição digital, uma vez que a Entidade por ele presidida é a detentora dos direitos autorais do livro **A ÚLTIMA ORDEM DO CORONEL APPARÍCIO**, cuja primeira edição é de 1941.

Desejo agradecer os organizadores e prefaciadores desta edição digital histórica, o Cel. Ataíde Moraes Rodrigues, o Cel. Cláudio dos Santos Feoli, o Cel. Cláudio Moreira Bento, o Ten. Cel. Eduardo Cunha Michel, o Prof. Dr. Jefferson Biajone, o Cel. Jeronimo Carlos Santos Braga, o Prof. Júlio César Benites Teixeira, o Cel. Marco Elias Danguí Pinheiro, a Cel. Najara Santos da Silva e o Dr. Roberto Alexandre dos Santos.



*Quero cumprimentar pelo excelente trabalho do autor **Harry Wilhelm Rotermund** (in memoriam) a seu neto Sioberg Rotermund, que por motivo de força maior, não pode estar presente nesta solenidade, mas encaminhou seus cumprimentos e agradecimentos à Brigada Militar, à Liga da Defesa Nacional, à Funperacchi e ao Portal Paulistas de Itapetininga em nome da família.*

*Por fim, e por meio da qrcodização deste impávido monumento, que possam a memória e os feitos dos gaúchos que sucumbiram na afanosa Revolução Constitucionalista de 1932 serem perpetuados na difusão digital de **A ÚLTIMA ORDEM DO CORONEL APPARÍCIO**, cujo conteúdo histórico é o retrato fiel dos fatos, ao consolidar o nosso entendimento de que*



**A Alma de uma Nação
é o Espírito Patriótico de seu Povo**

Referências Bibliográficas

ROTERMUND, H. W. **A Última Ordem do Coronel Apparício Borges.** 1ª Edição. Oficinas Gráficas da Brigada Militar. Porto Alegre, RS. 1941

_____, H. W. **A Última Ordem do Coronel Apparício Borges.** 2ª Edição. Centro de Comunicações. Bagé, RS. 1984

_____, H. W. **A Última Ordem do Coronel Apparício Borges.** 3ª Edição. Fundação Walter Peracchi Barcellos (FUNPERACCHI). Editora Evangraf. Porto Alegre, RS. 2004





**DESLOQUE-SE PARA FRENTE, PELA VIA FÉRREA,
QUE ME ENCONTRARÁ!**

